

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS – MG

JAMILA SOUZA GONÇALVES

SIGNIFICADO DO USO DE ÁLCOOL E/OU DROGAS ENTRE UNIVERSITÁRIAS

Alfenas – MG
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS – MG

JAMILA SOUZA GONÇALVES

SIGNIFICADO DO USO DE ÁLCOOL E/OU DROGAS ENTRE UNIVERSITÁRIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG.

Área de Concentração: Enfermagem

Linha de Pesquisa: Processo de Cuidar em Enfermagem

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliza Maria Rezende Dázio

Coorientador: Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski.

Alfenas – MG

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Alfenas

Gonçalves, Jamila Souza.

Significado do uso de álcool e/ou drogas entre universitárias / Jamila Souza
Gonçalves. -- Alfenas/MG, 2016.

74 f.

Orientador: Eliza Maria Resende Dázio.

Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Alfenas,
2016.

Bibliografia.

1. Estudantes. 2. Antropologia Cultural. 3. Usuários de Drogas. I. Dázio, Eliza
Maria Resende. II. Título.

CDD 616.86



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Alfenas - Unifal-MG
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 37130-000



Jamila Souza Gonçalves

"Uso de álcool e/ou drogas entre universitárias"

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Enfermagem.

Aprovado em: 18/02/2016

Profa. Dra. Eliza Maria Rezende Dázio
Instituição: Universidade Federal de Alfenas-
MG – UNIFAL-MG

Assinatura:

Profa. Dra. Silvana Maria Coelho Leite Fava
Instituição: Universidade Federal de Alfenas-
MG – UNIFAL-MG

Assinatura:

Profa. Dra. Sandra Cristina Pillon
Instituição: EERP - USP

Assinatura:

Dedico este trabalho à minha filha, que me acompanhou desde o ventre materno, na busca por esse sonho. Amo você!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me proporcionado saúde, determinação e acima de tudo fé durante esse dois anos de caminhada. Sou eternamente grata pela oportunidade que o Senhor me concedeu, principalmente por ter conhecido pessoas e lugares que colaboraram de alguma forma para meu crescimento

Às universitárias, por me permitirem acompanhá-las em sua rotina de estudos e de festas. Essa proximidade possibilitou-me compreender a verdadeira realidade pelas quais perpassam. Aprendi e cresci muito com suas histórias de vida.

À Profa. Dra. Eliza Maria Rezende Dázio e ao Prof. Dr. Carlos Tadeu Siepierski, pelo incentivo, dedicação, orientações, aprendizado e críticas que me fizeram crescer como profissional, pesquisadora e ser humano. Vocês são profissionais excepcionais. Agradeço por me tornarem uma pessoa melhor.

À Universidade Federal de Alfenas, aos coordenadores, docentes, discentes, técnicos do Programa de Pós Graduação em Enfermagem pela chance de desenvolver essa dissertação, de compartilhar vivências e aperfeiçoar meus conhecimentos.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas pela flexibilidade, investimento e cooperação. Agradeço, em especial, aos meus colegas de trabalho que direta ou indiretamente contribuíram para concretização desse sonho.

Aos colegas do grupo de pesquisa Processo Saúde Doença na Perspectiva Sociocultural por todo conhecimento adquirido e pela troca de experiências.

À Banca Examinadora pela disponibilidade e contribuições.

Aos meus pais, Bernadete e Gilberto, por terem fornecido condições e apoio incondicional para que eu pudesse superar as dificuldades encontradas no decorrer deste trajeto, bem como os incentivos para conseguir concluir esta dissertação. Agradeço por toda paciência e por cuidarem tão bem da Alice.

Às minhas irmãs, Thalyta e Thayná, por acreditarem em minha capacidade e por me animarem sob qualquer circunstância.

À minha filha Alice, por cada sorriso, abraço e carinho. Você foi a razão pela qual a mamãe chegou até aqui. Amo você infinitamente.

Ao meu noivo Filipe, por toda paciência, amor e carinho. Agradeço por ter enxugado minhas lágrimas e me reerguido nos momentos em pensei em desistir.

À minha avó Floripes, por tantas novenas e orações rogando a Deus para que eu fosse forte o suficiente para arcar com as minhas responsabilidades.

Aos meus amigos Claire, Juliano, Ana Marcelina, Bernardete, Romilda, Nayara, Gustavo pelas conversas e palavras de apoio, me encorajando a sempre seguir em frente. Vocês são muito especiais para mim.

À Thamyres, Tamires, Oyara, Giselle, Daisy, pela amizade e carinho, e acima tudo, por serem tão companheiras nessa trajetória da minha vida.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para minha formação como mestra, meu muito obrigado!

RESUMO

Este estudo teve por objetivo compreender o significado da experiência do uso de álcool e/ou outras drogas entre mulheres universitárias. Para tanto, utilizou-se a abordagem teórico metodológica da etnografia, fundamentada na Antropologia Interpretativa de Geertz, na busca por uma descrição densa. Participaram dezenove universitárias devidamente matriculadas em uma Instituição Pública de Ensino Superior brasileira, localizada na região Sudeste e que no período da coleta de dados afirmaram fazer uso de álcool e/ou drogas. Os preceitos éticos foram respeitados e as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados foram coletados no período de novembro de 2014 a julho de 2015, nos domicílios, na universidade e nas festas universitárias, por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas, observação participante e de anotações em um diário de campo. Da interpretação dos sentidos dados à experiência do uso de álcool e drogas entre universitárias surgiram os seguintes temas: “O simbolismo da droga” e “O simbolismo da não droga”. No primeiro tema foi possível apreender que para as universitárias - droga é uma substância que pode levar a pessoa à dependência e causar danos a sua saúde, sendo assim o álcool, o tabaco e os inalantes não eram considerados como droga. Houve uma distinção entre “droga forte” e “droga fraca”, até então, não evidenciados em outros estudos. No segundo tema, o álcool foi a substância psicoativa mais consumida, sendo importante na socialização e redução das tensões. Observou-se uma significativa redução do uso de substâncias psicoativas no decorrer da graduação por meio do desenvolvimento de estratégias de autocontrole, tendo em vista o aumento das responsabilidades e a cobrança em relação ao futuro profissional. Reitera-se, que o consumo das substâncias psicoativas pelas universitárias está relacionado às teias construídas no meio sociocultural de cada uma. Compete à universidade a educação não apenas para a autonomia profissional, mas também o respeito pelas escolhas e o acolhimento, a escuta e os encaminhamentos necessários.

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes. Etnografia. Usuários de drogas.

ABSTRACT

This study aimed to understand the meaning of the experience to use the alcohol and/or other drugs among university women. Therefore, the theoretical methodological approach of Ethnography, grounded in Interpretative Anthropology of Geertz, in search for a dense description. Participated nine teen college girls enrolled in a public institution of higher learning, located in the southeast and that the period of data collection, make use of alcohol and/or drugs. The ethical precepts were respected and the participants signed an informed consent. The data were collected in the period November 2014 to July 2015 in the domiciles, universities and the university parties, by means of semi-structured interviews, participant observation and recorded notes in a field diary. The interpretation of the directions given to the experience of the use of alcohol and drugs among college girls emerged the following themes: "the symbolism of the drug" and "the symbolism of non-drug". The first theme was possible to understand that for students-drugs a substance that can take the person to the addiction and harm your health, alcohol, tobacco and inhalants, are cited by them, as no drugs. They make a distinction between "strong" and "weak" drug until then, not evidenced in other studies. In the second theme, alcohol is the psychoactive substance more consumed, but is not considered as drugs, being important in socialization and reduction of tensions. It was possible to realize a significant reduction in the use of psychoactive substances during the under graduate program through the development of strategies of self-control in view of the increased responsibilities and the charging for the future professional. Reiterates that the consumption of psychoactive substances by the students is related to webs built in the middle of each sociocultural. The university education for autonomy not only professional, but also respect for the choices and the reception, listening and the necessary referrals.

KEYWORDS: Students. Ethnography. Drug users.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo comprender el significado de la experiencia del uso del alcohol y/u otras drogas entre mujeres universitarias. Para tanto, se utilizó el abordaje teórico-metodológico de la etnografía, basada en la Antropología Interpretativa de Geertz, en la búsqueda de una descripción densa. Participaron diecinueve universitarias debidamente inscritas en la institución de enseñanza superior brasilera, ubicada en el sureste que, en el periodo de recolección de los datos, afirmaron hacer uso del alcohol y/o drogas. Se respetaron los preceptos éticos, por lo que las participantes firmaron el Término de Consentimiento Libre y Aclarado. Se recogieron los datos en el periodo de noviembre de 2014 a julio de 2015, en domicilios, universidades y en fiestas universitarias, por medio de entrevistas semiestructuradas grabadas, observación participante y de apuntes en un diario de campo. De la interpretación de los sentidos dados a la experiencia del uso del alcohol y drogas entre las universitarias, se plantearon los siguientes temas: “El simbolismo de la droga” y “El simbolismo de las no droga”. En el primer tema, fue posible aprehender que, para las universitarias, droga es una sustancia que puede llevar uno a la adicción y perjudicar su salud. Siendo así, el alcohol, el tabaco y los inhalantes son citados por ellas como no drogas. Ellas hacen una distinción entre “droga fuerte” y “droga débil”, hasta ese momento no evidenciada en otros estudios. En el segundo tema, el alcohol es la sustancia psicoactiva más consumida, sin embargo no se lo considera una droga, siendo importante en la socialización y en la reducción de tensiones. Fue posible aprehender una significativa reducción del uso de sustancias psicoactivas a lo largo del curso de grado por medio del desarrollo de estrategias de autocontrol, teniendo en vista el aumento de las responsabilidades y de la cobranza en relación a su futuro profesional. Se reitera que el consumo de sustancias psicoactivas por universitarias está relacionado a las redes construidas en el medio sociocultural de cada una. Es para la educación universitaria de autonomía no sólo profesional, sino también el respeto a las elecciones y el anfitrión, la escucha y las referencias necesarias.

DESCRIPTORES: Estudiantes. Etnografía. Usuarios de drogas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	- American Psychological Association
ASSIST	- Alcohol, Smoking and Substance Involvement Screening Test
AUDIT	- Alcohol Use Disorders Identification Test
BIREME	- Biblioteca Regional de Medicina
CAPS	- Centro de Atenção Psicossocial
CEBRID	- Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas
CRUSP	- Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo
DECS	- Descritores em Ciências da Saúde
DTS	- Doenças Sexualmente Transmissíveis
FURG	- Universidade Federal do Rio Grande
FENF/UERJ	- Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
IBECS	- Índice Bibliográfico Espanhol de Ciências da Saúde
LENAD	- Levantamento Nacional de Álcool e Drogas
LILACS	- Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde
MEDLINE	- Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
MESH	- Medical Subject Headings
OMS	- Organização Mundial de Saúde
ONU	- Organização das Nações Unidas
PPGENF	- Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
PROCAD	- Programa Nacional de Cooperação Acadêmica
PSD	- Policonsumo Simultâneo de Drogas
PUBMED	- National Center for Biotechnology Information
SCIELO	- Scientific Electronic Library Online
SENAD	- Secretária Nacional de Políticas Anti Drogas
SNC	- Sistema Nervoso Central
SPA	- Substâncias Psicoativas
SSRS	- Spirituality Self-Rating Scale
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OBJETIVO GERAL	17
3	REVISÃO DE LITERATURA	18
4	OPÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA	29
5	O CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO	32
5.1	A BUSCA PELOS PARTICIPANTES	32
5.2	A DESCRIÇÃO DO GRUPO SOCIAL	33
6	O ENSAIO INTERPRETATIVO	45
6.1	O SIMBOLISMO DA DROGA	45
6.2	O SIMBOLISMO DA NÃO DROGA	52
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICES	68
	ANEXO	72

1 INTRODUÇÃO

O uso de drogas, como bebidas alcoólicas, tabaco e outras substâncias psicoativas (SPA) é um fenômeno mundial considerado problema de saúde pública, com repercussões físicas, mentais, socioeconomicoculturais e legais (BRASIL, 2004; HENRIQUÉZ; CARVALHO, 2008; UNODC 2014).

Dentre essas repercussões do uso abusivo e dependência estão o sofrimento para a pessoa que consome a droga e para a sua família, prejuízos na vida escolar, profissional, crescimento de delitos e enriquecimento ilícito, além de contribuir com o aumento da carga global de doenças resultando em perdas por mortes prematuras e anos vividos com incapacidade (UNODC, 2014; SILVA, 2008)

Birman (2001) ressalta que desde meados do século XX as drogas se tornaram uma das maiores estratégias comerciais do mundo, tendo o nível econômico, em termos de insumos, superior aos produzidos pela economia de energia e telecomunicações. Há um enorme interesse nos circuitos de produção, circulação, distribuição e consumo dessas substâncias.

Embora o termo droga seja determinado pela racionalidade biomédica a toda “substância não produzida pelo organismo, que tenha propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento, classificadas como depressoras, estimulantes e perturbadoras” por seus efeitos no Sistema Nervoso Central (SNC) (OBID, 2007), neste estudo percebe-se que o significado droga e o seu significado são bem distintos do modelo biomédico.

O aumento exponencial do uso de drogas é apresentado por diferentes autores como se pode notar no II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas, realizado no Brasil em 2005, que revelou um aumento considerável do consumo de álcool e outras drogas na população geral quando comparado ao levantamento realizado em 2001 pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID), que evidenciou que 19,4% dos participantes já haviam tido contato com algum tipo de droga, sendo que em 2005, esse número subiu para 22,8%, o que corresponde a uma população de cerca de 11.603.000 pessoas (CEBRID, 2005).

No que se refere ao álcool, o mesmo levantamento, realizado nas 108 maiores cidades do país, constatou aumento no percentual de consumo de 68,7% em 2001 para 74,6% em 2005 (CEBRID, 2005).

Estimativas revelam que cerca de 243 milhões pessoas, o equivalente a 5% da população mundial, com idade entre 15-64 anos, fazem uso de drogas ilícitas pelo menos uma vez no ano. Em termos de substância utilizada, em geral, os homens são três vezes mais propensos ao uso de drogas ilícitas se comparado às mulheres. Em relação ao consumo problemático, o número permanece estável, cerca 27 milhões de pessoas (UNODC, 2014).

Diante do panorama mundial, o Brasil tem empreendido esforços para minimizar este problema de saúde pública. Para tanto, aprovou a Política de Atenção Integral aos Usuários de Álcool e Drogas em 2003 que visa prevenir, tratar e reabilitar as pessoas que fazem o consumo de drogas lícitas e ilícitas, considerando ser de responsabilidade da saúde pública; propõe também a criação de uma rede de assistência incorporada ao Sistema Único de Saúde (SUS), o Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas - CAPS AD (BRASIL, 2004).

Já a Política Nacional sobre Drogas de 2005, distingue o usuário, o dependente e o traficante, determina o tratamento diferenciado para cada um e resguarda a garantia do tratamento público para as pessoas que apresentam problemas associados a essa prática. Considera ainda a proposta de redução de danos como estratégia preventiva e defende a distribuição de responsabilidades entre os diversos componentes de governo e sociedade no enfrentamento dessa problemática (BRASIL, 2005).

Neste contexto, os estudantes universitários merecem atenção especial, pois, no ambiente universitário, o uso de álcool e outras drogas está cada vez mais difundido. Fatores como saída do núcleo familiar, processo de adaptação ao novo meio, dificuldade de inserção em novos grupos e disponibilidade dessas substâncias, aumentam a vulnerabilidade dos estudantes ao consumo dessas drogas (ARMENDÁRIZ GARCÍA et al, 2013; NÓBREGA et al, 2012).

Em termos de gênero, observa-se uma crescente similaridade de consumo de álcool e outras drogas entre homens e mulheres, em especial no ambiente universitário (ANDRADE; WAGNER, 2008; ECKSCHMIDT, ANDRADE, OLIVEIRA, 2013).

No I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários, realizado nas 27 capitais brasileiras, 86,2% dos estudantes relataram ter consumido bebidas alcoólicas e, em relação a outras drogas, 48,7% disseram já ter feito uso na vida. O mesmo levantamento constatou que 77,3% dos homens e 66,6% das mulheres relataram ter feito consumo de bebidas alcoólicas nos últimos 12 meses (SENAD, 2010).

Fachini e Furtado (2013) destacam que a diferença do consumo de substâncias, em especial o álcool, entre homens e mulheres tem se tornado um importante tópico de discussões

e pesquisas, tendo em vista as diferentes necessidades, razões e motivações que os levam a consumirem bebidas alcoólicas.

O II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD) constatou que entre o período de 2006 a 2012 houve um aumento considerável nos índices de consumo de bebidas alcoólicas entre mulheres, sendo que as mais jovens são o grupo de maior risco. No decorrer desse período, observou-se que elas têm bebido de forma mais nociva. O levantamento também revelou que, em alguns anos, o índice de pessoas que bebem será o mesmo entre os sexos. A renda elevada e o estresse diário são fatores que tem propiciado o consumo, cada vez maior, de bebidas alcoólicas entre mulheres (INPAD, 2012).

A discussão acerca do fenômeno das drogas no ambiente universitário constitui-se um tema de grande relevância, uma vez que o variado número de vertentes que o assunto desencadeia, associado ao contexto socioeconômico atual, faz com que se produza compromisso ético de frequentemente revisar conceitos sobre a temática e criar atitudes e comportamentos que alterem o cenário atual (LOPES; PESSANHA, 2008).

A magnitude deste problema tem despertado o interesse de pesquisadores e de profissionais de saúde para compreender os motivos pelos quais os universitários têm aumentado o uso de drogas, principalmente entre as mulheres. Como enfermeira, sinto-me comprometida com esta questão, pois o enfermeiro desempenha um importante papel na promoção, prevenção, redução de danos e reinserção social das pessoas que fazem uso de alguma droga, seja essa lícita ou ilícita. Sua atuação junto a esse grupo fortalece os fatores protetores, melhorando a autoestima e desenvolvendo estratégias para a manutenção da saúde. Entende-se que no enfermeiro é construído o potencial chave para se obter a mudança e a transformação nos indivíduos, família e comunidade (FERREIRA, 2004; LOPES; LUIS, 2005).

Desde a infância, fui orientada a não consumir bebidas alcoólicas, tabaco e outras drogas, tendo em vista a alta capacidade que essas substâncias apresentam de deteriorar a saúde das pessoas com o tempo. Assim fui crescendo e frequentando o ensino fundamental e médio com esse princípio. Durante a minha vida acadêmica, convivi com pessoas que faziam o consumo frequente de álcool e outras drogas. A priori, essa convivência me causava estranhamento, frente a uma realidade tão comum entre esses jovens. Mas com tempo, tal proximidade fez com que eu me tornasse membro de um grupo de amigos do qual a maioria consumia álcool, e alguns, realizavam esse consumo simultâneo com outras drogas.

O consumo de drogas era realizado, em muitas ocasiões, dentro ou na porta da universidade. Até o ano em que me formei (2011), a instituição não havia implantado políticas internas de combate e prevenção ao uso dessas substâncias.

Observava que o consumo de álcool e/ou outras drogas entre mulheres era semelhante quando comparado aos homens. A partir de então, passei a me questionar sobre os motivos que levavam as mulheres a consumirem, cada vez mais, essas substâncias.

Ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Enfermagem, fui designada para ser orientada por uma docente que estava desenvolvendo os seus estudos, em estágio de pós-doutoramento, na temática de uso de álcool e/ou outras drogas entre universitários. Sua proposta de trabalho integrava o Projeto Casadinho, que atendeu a chamada do Edital MCTI/CNPq/MEC/Capes - Ação Transversal nº 06/2011 Casadinho/ Programa Nacional de Cooperação Acadêmica - PROCAD e permitiu a formação de relações interinstitucionais entre os discentes de graduação e de pós-graduação e a formação de pós-doutores junto à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Como produto desse projeto espera-se uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF) da Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG e a conclusão de estágio pós-doutoral de seis docentes dessa instituição.

Com esse propósito de estudo e para aprimorar o meu conhecimento sobre a temática, realizei um levantamento bibliográfico. Verifiquei a existência de inúmeras pesquisas, de cunho quantitativo, na área de Psicologia e Enfermagem que abordavam o ambiente universitário de maneira geral realizando uma comparação entre gêneros, principalmente, quando utilizaram como sujeitos estudantes de cursos cuja prevalência é do sexo feminino, como é o caso da Enfermagem. Constatei a escassez de estudos qualitativos e de pesquisas que contemplassem as peculiaridades do uso de álcool e/ou outras drogas entre universitárias, principalmente na compreensão do significado desse uso a partir de uma abordagem sociocultural.

Perante as lacunas evidenciadas na literatura, associadas a minha experiência como acadêmica e enfermeira, emergiram as seguintes indagações: Como é para as universitárias fazerem o uso de álcool e/ou drogas? Quais os motivos que as levam a consumir tais substâncias? Como eram suas vidas antes do consumo? E o que mudou depois? O consumo passou a ser feito antes ou depois do ingresso na universidade?

Em resposta a essas inquietações, nos propomos a desenvolver um estudo de abordagem qualitativa, na busca por uma descrição densa, conforme o método etnográfico proposto por Geertz (2014).

Essa compreensão me possibilitou conhecer, na perspectiva das universitárias, o significado do uso de álcool e/ou outras drogas, o que também favorece a implementação de ações com vistas a contribuir para a redução desses problemas na saúde pública.

2 OBJETIVO GERAL

Compreender o significado da experiência do uso de álcool e/ou outras drogas entre mulheres universitárias.

3 REVISÃO DE LITERATURA

O uso de álcool e/ou drogas entre universitários tem sido foco de grandes discussões entre pesquisadores da área da saúde. Há evidências apontando que o consumo dessas substâncias tem apresentado aumento considerável entre mulheres. Frente a essa situação, realizamos um levantamento na literatura abordando o consumo de álcool e/ou outras drogas entre universitárias e o papel da enfermagem frente a esta problemática. A busca por periódicos sobre o referido tema ocorreu nas bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Índice Bibliográfico Espanhol de Ciências da Saúde (IBECS), American Psychological Association (APA) e a National Center for Biotechnology Information (PUBMED) e nas bibliotecas virtuais Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) e Biblioteca Cochrane.

A priori, determinamos, para a busca das publicações, a utilização dos seguintes descritores nos idiomas português, espanhol e inglês: “álcool”, “alcohol”, “alcohol”, “drogas”, “drogas”, “drugs”, “universitários”, “universidad”, “university”, “enfermagem”, “enfermería” e “nurse”, selecionados pelos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MESH). Foi utilizado o operador booleano “and” na busca por artigos que apresentam esses descritores associados e a partir de então, obtivemos trabalhos entre os anos de 1974 a 2014.

Como critérios de inclusão, foram adotados: artigos escritos na língua portuguesa, espanhola e inglesa, produzidos nos últimos 15 anos, disponíveis na íntegra e que tenham como foco a temática em questão. Excluímos os livros, relatórios de conferências, resumos de congresso, teses e dissertações, trabalhos centrados em procedimentos técnicos em dados epidemiológicos, trabalhos em duplicidade nas bases dados. A justificativa para a escolha desse período ocorreu devido à realização de vários levantamentos pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID) e Secretária Nacional de Políticas Sobre Drogas (SENAD) a partir de 2001, além da existência de um maior número de publicações datadas de 2000 a 2014. Do total, foram encontrados 95 estudos.

Após a realização da leitura dos títulos e resumos, foram excluídos os trabalhos que não contemplavam o uso de álcool e/ou outras drogas entre universitários do sexo feminino e os estudos produzidos por profissionais de outras áreas. A revisão foi desenvolvida buscando os objetivos, tipo de estudo, sujeitos, resultados, limitações e conclusões de cada estudo. Os

artigos selecionados foram submetidos à leitura criteriosa ocorrida em duas etapas: na primeira foi realizada a síntese dos dados de identificação e caracterização da amostra, na segunda, a análise do conteúdo dos artigos. Assim, foram selecionados 13 estudos para esta revisão, que retrata o consumo de álcool e/ou outras drogas entre universitárias e o papel da enfermagem frente a essa situação. Os resultados serão apresentados a seguir.

Ortega-Pérez, Costa-Júnior e Vasters (2011) realizaram um estudo quantitativo, por meio da aplicação de um questionário estruturado autoadministrável, com o objetivo de averiguar as características cruciais do perfil epidemiológico e de drogadição na população universitária da Universidade de El Salvador. O estudo foi desenvolvido no mês de setembro de 2008, e os resultados obtidos constataram a prevalência do sexo feminino em relação à população estudada. O álcool foi a droga de maior consumo entre os estudantes, seguido pelo tabaco. Foi evidenciada uma conduta similar entre os sexos quanto ao uso do álcool. Em relação ao tabaco há uma prevalência do sexo feminino. Os autores observaram que a maioria dos estudantes não percebem o impacto do consumo de álcool e/ou outras drogas sob o rendimento acadêmico.

Nóbrega et al (2012) desenvolveram um estudo do tipo transversal cujo objetivo foi identificar os padrões de Policonsumo Simultâneo de Drogas (PSD) e suas implicações legais, sociais e de gênero entre estudantes universitários de ciências da saúde. A amostra foi constituída de 275 estudantes dos cursos de Enfermagem, Medicina, Farmácia, Nutrição, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Dos 275 participantes, (80,7%) são do sexo feminino. O PSD foi identificado em 27,9% das estudantes. A combinação álcool e maconha foi observada em 30% dos estudantes nos últimos dois meses, seguido da combinação de álcool e medicamentos prescritos (NÓBREGA et al, 2012). O PSD encontrou-se mais acentuado entre homens. Perceberam que o PSD, entre os estudantes da área da saúde, ocorreu devido ao fato destes passarem por angústias por saberem que iriam lidar com a dor e o sofrimento de seus pacientes, pela crise natural da idade e, muitas vezes, devido à entrada precoce na universidade (NÓBREGA et al, 2012).

Pereira et al (2013), realizaram uma pesquisa quantitativa que teve por objetivo identificar o número de universitários que fazem uso de substâncias psicoativas em uma instituição de ensino superior e verificar que fatores influenciam esse consumo e o número de universitários que necessitam receber intervenção.

Os instrumentos utilizados pelas autoras foram dois, um estruturado e o Teste de Identificação dos Problemas Relacionados ao Uso do Álcool, tabaco e outras substâncias (ASSIST). A amostra estudada foi de 437 estudantes em uma instituição de ensino no Vale do

Paraíba. Os resultados evidenciaram que a primeira experiência com bebidas alcoólicas entre os graduandos ocorreu na faixa etária de 13 a 18 anos. Assim como nos estudos supracitados, o álcool e o tabaco foram as drogas mais consumidas (PEREIRA et al, 2013).

Outro fato interessante constatado no estudo de Ortega-Pérez, Costa-Júnior e Vasters (2011), foi a existência de uma relação entre estudantes que costumavam a faltar às aulas por terem feito ou estarem fazendo o consumo de álcool no período das aulas. As estudantes, em sua maioria, negaram que determinada atitude chegue a atrapalhar o desempenho acadêmico (PEREIRA et al, 2013).

Como na maioria dos outros estudos, o consumo de álcool e substâncias psicoativas foi prevalente entre estudantes do sexo masculino. No entanto, o alto consumo dessas substâncias esteve presente em alguns participantes do sexo feminino.

Em um estudo realizado por Freitas et al (2012) do tipo quantitativo analítico, prospectivo, transversal e observacional, cujo objetivo foi determinar o perfil da utilização de drogas lícitas e ilícitas por universitários de uma instituição privada do município de Quixadá no Ceará foi constatado que o consumo de drogas como álcool e a cocaína foi o de maior prevalência. Os estudantes destacaram a influência de amigos (13%) e a sensação de diversão (21%) causada pelas drogas, como fatores motivacionais para o uso dessas substâncias.

Esta pesquisa foi realizada no período de agosto a outubro de 2010, com uma amostra constituída de 345 estudantes, sendo 239 do sexo feminino. A justificativa para a realização do estudo baseou-se na alta prevalência do uso de drogas entre estudantes universitários e a escassez de estudos, principalmente na Região Nordeste. Os autores destacam que 46% dos estudantes afirmaram que não tinham motivos aparentes para o consumo e 39% consideraram as festas universitárias propícias ao uso do álcool. Outro fato importante foi que 71% dos universitários fizeram uso de medicamentos sem prescrição médica. Entre os participantes, o uso de álcool e outras drogas estavam relacionados à renda familiar mais elevada. Para os autores, o ambiente universitário influencia o consumo abusivo de substâncias psicoativas (FREITAS et al, 2012).

Ao realizar um estudo do tipo descritivo exploratório, de coorte transversal, cujo objetivo foi analisar a relação entre fatores de risco, níveis de espiritualidade e uso de álcool entre estudantes de dois cursos de enfermagem, Pillon et al (2010) constataram que os fatores de risco associados ao consumo de álcool, foram sexo masculino, ser casado, ter baixo nível de espiritualidade e não ter filiação religiosa. O estudo foi desenvolvido em dois cursos de enfermagem, localizados no Estado de São Paulo e Minas Gerais, tendo como participantes 313 estudantes do primeiro e quarto ano de graduação em Enfermagem, sendo a maioria do

sexo feminino. Para a coleta de dados, foram utilizados um questionário sociodemográfico, Teste de Identificação do Uso de Álcool (AUDIT) e Escala de Espiritualidade (*Spirituality Self-Rating Scale* – SSRS). Os resultados revelaram que o maior consumo de bebidas alcoólicas esteve presente entre o sexo masculino; a espiritualidade não foi considerada um fator de proteção frente ao uso do álcool e a faixa etária dos 20 anos compreendeu a parte da população que bebe excessivamente, embriaga-se com regularidade e demonstra problemas com bebida constantemente associados a esse padrão de consumo.

No que se refere à filiação religiosa, houve diferenças significativas na classificação de AUDIT e a escala de espiritualidade. No entanto, acredita-se que alguns aspectos da religiosidade, como frequentarem igreja, preferência religiosa e o ato de orar, apresentam influência protetora sobre o consumo de substâncias em estudantes universitários (PILLON et al, 2010). Em contrapartida a esses resultados, Freitas et al (2012), em seu estudo, constataram que a religião é caracterizada como importante fator de proteção ao consumo de álcool e outras drogas.

Baumgarten, Gomes e Fonseca (2012) realizaram um estudo de caráter descritivo e delineamento correlacional objetivando conhecer os fatores que se associam ao uso e abuso de álcool entre acadêmicos e relacionar o uso e abuso dessa substância às consequências desse hábito. O estudo teve como público alvo estudantes do primeiro e penúltimo ano dos cursos da área da saúde da Universidade Federal do Rio Grande (UFRGS). Foi aplicado um questionário com informações sociodemográfica e o AUDIT. Participaram do estudo 351 estudantes, com predomínio de mulheres 238. O estudo evidenciou que 202 (57,5%) estudantes da área da saúde tinham o costume de ingerir bebidas alcoólicas. A idade de início desse consumo ocorreu na faixa etária dos 10 aos 17 anos.

Dentre os fatores que mais influenciaram o consumo de bebidas alcoólicas precoce estão à mídia, o consumo por parte dos familiares e os amigos. Os autores ressaltaram que o ingresso na universidade, o distanciamento do núcleo familiar e o estabelecimento de novos laços de amizade favorecem a oportunidade para o consumo de álcool e outras drogas, principalmente por parte dos estudantes em maior vulnerabilidade psicossocial. Além disso, o ambiente acadêmico tornou-se propício a experimentação de drogas, uma vez que nesse momento da vida o jovem participa de inúmeras atividades e eventos sociais. Dentre as consequências do beber problemático, identificadas nesse estudo, estão os apagões, coma alcoólico e acidentes automobilísticos. Para as autoras, o conhecimento adquirido no decorrer dos anos acadêmicos acerca dos danos ocasionados pelo álcool no organismo humano não surtiu efeito sobre consumo entre os estudantes investigados. Sugerem a inserção de

discussões nas disciplinas acadêmicas no que se refere à Política Nacional do Álcool acrescida de outras legislações relacionadas, buscando assim, conscientizar os jovens (BAUMGARTEN; GOMES; FONSECA, 2012).

No estudo quantitativo descritivo, realizado por Pillon, O'Brien e Chavez (2005) que teve por objetivo descrever o uso de drogas entre alunos de primeiro ano universitário, conhecer o padrão de consumo das substâncias usadas e comparar a relação entre o uso de drogas, os comportamentos de risco e o gênero, foi evidenciado que a média de idade do primeiro consumo foi de 13 anos. Tais resultados subentendem que o consumo de álcool e outras drogas, provavelmente tenham acontecido antes do ingresso na universidade.

Pereira et al (2013), assim como Baumgarten, Gomes e Fonseca (2012), também constataram que a primeira experiência com bebidas alcoólicas entre os graduandos ocorreu na faixa etária de 13 a 18 anos. Subentende-se que a universidade não seria, necessariamente, a razão principal pela qual os estudantes iniciaram o consumo de substâncias psicoativas, em especial, o álcool. A utilização dessas substâncias assim como a frequência, estaria relacionada a um conjunto de fatores que se interrelacionam desencadeando todo processo.

Em relação ao gênero, os homens têm se embriagado mais do que as mulheres, assim como o número de intoxicações por álcool e outras drogas. Quanto ao comportamento do uso dessas substâncias entre estudantes, 53 (26,5%) dos estudantes gostavam de beber de maneira suficiente para ficar um pouco “alto”, enquanto que as estudantes, 37 (18,5%) não bebiam. Entre as que bebiam, 30 (15%) gostavam de beber de um a dois goles. Quando questionados sobre a possibilidade de encontrar ajuda para os problemas relacionados às substâncias psicoativas, 99 (49,5%) dos estudantes acham que era possível conseguir ajuda na universidade (PILLON; O'BRIEN; CHAVEZ, 2005).

No que se refere à sexualidade, 20 (10%) usaram álcool ou outras drogas antes da relação sexual, 15 (75%) do sexo masculino, 66 (33%) usaram preservativos, sendo 43 (65%) eram do sexo masculino (PILLON; O'BRIEN; CHAVEZ, 2005).

Assim como demonstrado em outros estudos, Pillon, O'Brien e Chavez (2005) evidenciaram o álcool como a substância mais consumida pelos estudantes, seguido do tabaco e da maconha. Dentre os motivos que levaram esses jovens a fazer o consumo de bebidas alcoólicas está a diversão e a fuga de seus problemas. O beber socializador esteve presente entre os jovens. Quando questionados sobre a possibilidade de serem punidos se fossem pegos usando ou possuindo álcool e/ou outras drogas na universidade, menos da metade respondeu ser possível tal punição. Tal fato pode estar relacionado à inexistência de políticas relacionadas ao consumo de drogas no *campus*.

Henriquéz e Carvalho (2008) desenvolveram uma pesquisa descritiva-correlacional cuja finalidade foi identificar se os universitários da área da saúde percebiam benefícios no uso do tabaco e outras drogas, além das dificuldades para deixarem de serem usuários. O estudo foi realizado com 80 estudantes, sendo utilizado um questionário autoaplicável para a coleta. Do total da amostra, dois terços não fumam; 16,3% fumaram por volta de 4 a 6 anos; e, 2,3% fumavam há mais de 10 anos. Grande parte dos estudantes declarou não ter familiares que fumaram. A maioria considerou o uso do tabaco um problema, sendo importante alertar a comunidade sobre esse aspecto. Um terço dos estudantes respondeu que a conduta de não fumar foi uma opção pessoal, enquanto que o comportamento de fumar foi, por muitas vezes, influenciado pelos amigos.

Em relação ao uso do álcool, mais de um terço da amostra respondeu que se embriagava uma vez ao mês. Aproximadamente dois terços dos participantes relataram que seus familiares não bebiam, e menos de um terço mencionaram que mais da metade são alcoólatras. Os benefícios proporcionados pelas drogas percebidos pela maioria dos estudantes foram o relaxamento, o prazer e a aceitação social. Dentre as barreiras para o abandono estavam o hábito e seus efeitos. Ressalta que uma pequena parcela de estudantes não considerou o uso dessas substâncias um problema de saúde e iniciaram o uso de outras substâncias à medida que progrediram os anos de estudos. A inserção de temática de prevenção e reabilitação referentes ao uso de drogas nas disciplinas ministradas durante o curso resultará em impactos positivos no comportamento desses estudantes, motivando os futuros profissionais de saúde a manter condutas preventivas e incentivar sua autorresponsabilidade (HENRIQUÉZ; CARVALHO, 2008).

O estudo do tipo epidemiológico de corte transversal desenvolvido por Picolotto et al (2010), teve como objetivo avaliar o consumo de Substâncias Psicoativas (SPA) e seus determinantes pelos discentes do curso de enfermagem da Universidade de Passo Fundo, propondo a redução do uso. Participaram do estudo 266 estudantes matriculados na primeira semana do mês de março de 2007. Para coleta de dados utilizou-se um questionário sobre o uso de SPA do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID). Os resultados revelaram que 82% dos entrevistados foram do sexo feminino, renda familiar de dez salários mínimos e religião católica (77,1%). O álcool foi a droga de maior experimentação seguida pelo tabaco, estimulantes e benzodiazepínicos. Dos 249 consumidores de bebidas alcoólicas, 69% relataram embriaguez. Dentre os locais onde experimentaram bebidas alcoólicas pela primeira vez estão os bares, danceterias e boates, casa dos amigos e familiares. Sendo estes últimos citados como os principais responsáveis por

introduzir o álcool na vida dos acadêmicos. Uma evidência importante do estudo foi o fato dos estudantes considerarem, dentro do ambiente familiar, a figura do pai como o maior consumidor de bebidas alcoólicas. Os autores destacaram que os adolescentes e adultos jovens compõem uma população com maior probabilidade de consumir álcool. Para os autores, a legitimação cultural conferida por várias sociedades contribuiu para esse consumo.

Picolotto et al (2010) ressaltaram a necessidade de se atentar ao consumo pesado realizado pelas acadêmicas, que corresponde a 89% da população estudada. Além disso, há uma preocupação com usuárias de benzodiazepínicos que consomem álcool, tendo em vista as consequências dessa associação, levando, em alguns casos, ao estado de coma. Acreditam que o maior consumo desses medicamentos por mulheres ocorreu devido à dificuldade que apresentam no enfrentamento de problemas originados no ambiente sociofamiliar, o que aumentaria sua predisposição ao consumo dessas substâncias.

Botti, Lima e Simões (2010) realizaram um estudo de abordagem quantitativa, descritivo transversal com o objetivo de investigar o uso de substâncias psicoativas, lícitas e ilícitas, entre estudantes do curso de enfermagem noturno da PUC Minas, no intuito de discutir a diferença entre gênero no consumo, fornecendo assim, subsídio para futuros programas de prevenção. O estudo foi composto por 393 estudantes e para a coleta de dados utilizou-se o questionário adaptado do instrumento proposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Os autores seguem relatando que verificaram que a prevalência do sexo feminino foi de 352 (89,5%), assim como em outros estudos, cuja população alvo provém de cursos da área da saúde. O álcool (89,3%) e o tabaco (31,3%) foram as substâncias lícitas com predomínio do “uso na vida”, e, no que se refere ao uso de substâncias psicoativas ilícitas, houve predomínio dos ansiolíticos (19,0%), seguida dos inalantes (15,5%), anorexígenos (13,9%) e maconha (12,7%). Observaram que entre estudantes do sexo feminino há um maior consumo de ansiolíticos e anorexígenos em relação aos estudantes do sexo masculino (BOTTI; LIMA; SIMÕES, 2010).

Um interessante fato identificado neste estudo foi de que a experiência do uso do álcool apresentou-se maior entre as estudantes do sexo feminino, como também a precocidade de início do consumo. Geralmente, a primeira experiência com álcool, pelos estudantes de enfermagem, ocorreu na adolescência, fato evidenciado em outras pesquisas, reforçando a ideia de que o consumo ocorre anteriormente ao ingresso na universidade (BOTTI; LIMA; SIMÕES, 2010). Os dados identificados no presente estudo contraporão aos evidenciados no estudo de Pillon et al (2010), no qual, apesar da prevalência de estudantes do sexo feminino

no curso de Enfermagem, o maior consumo de bebidas alcoólicas esteve presente entre estudantes do sexo masculino.

O fato de o consumo de ansiolíticos e anorexígenos ser mais expressivo no sexo feminino foi também evidenciado pelo estudo realizado por Piccoloto et al (2010), no qual constatou-se o consumo pesado de benzodiazepínicos entre universitárias e o perigo de consumo dos mesmos associados ao álcool, podendo levá-las ao estado de coma.

Botti, Lima e Simões (2010) ressaltaram que fatores estressores na universidade como aumento da responsabilidade, ansiedade, tarefas acadêmicas, dificuldades financeiras e sociais, tendem a fazer com que os estudantes busquem no álcool e outras drogas uma forma de aliviar as situações estressoras.

Chama a atenção o estudo qualitativo desenvolvido por Zalaf e Fonseca (2009) que buscou compreender como se dá o processo saúde-doença dos estudantes que moravam no Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP), quanto ao uso problemático de álcool e outras drogas, a fim de subsidiar direcionamento para ações preventivas e apoio voltado para essa população específica, considerando a diferença de gênero.

A coleta foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, que apresentava questões fechadas e abertas acerca da história do processo saúde-doença, durante a vida anterior e após o ingresso no CRUSP. Participaram do estudo homens e mulheres, moradores ou hóspedes regulares dos sete blocos de moradia, que na época da coleta de dados haviam estado ou estavam envolvidos com o uso problemático de álcool e outras drogas. No total, foram oito participantes (ZALAF; FONSECA, 2009).

A análise dos dados foi embasada na Teoria da Determinação Social incorporando a categoria gênero. Da análise dos dados emergiram oito categorias empíricas: A droga na vida; Crusp como espaço favorecedor para uso de álcool e outras drogas; Uso de álcool e outras drogas: hereditariedade ou influência familiar; Uso de álcool e outras drogas como instrumento de fuga da realidade; Uso do álcool e outras drogas e discriminação; Uso problemático de álcool e outras drogas por homens e mulheres; Uso problemático de álcool e outras drogas e saúde mental; e Uso de álcool e outras drogas e violência (ZALAF; FONSECA, 2009). As categorias empíricas trouxeram questões importantes como as diferenças relacionadas ao gênero. Na categoria Uso de álcool e outras drogas e discriminação, por exemplo, sete sujeitos relataram terem sofrido algum tipo de discriminação. Alguns deles referiram-se a autodiscriminação, ou seja, reprovam a si mesmo cada vez que usam drogas de maneira abusiva. É importante ressaltar, que as duas mulheres entrevistadas relataram ter uma grande preocupação com sua imagem frente à sociedade pelo

uso problemático de álcool e outras drogas. Essa preocupação emergiu do fato de haver um preconceito social em relação às mulheres usuárias de drogas (ZALAF; FONSECA, 2009).

Outra categoria importante foi “Uso problemático de álcool e outras drogas por homens e mulheres: diferença de sexo e de gênero”. Nessa categoria evidenciou uma tendência três vezes maior dos homens se tornarem dependentes do álcool quando comparados às mulheres. Estas, por sua vez, apresentam dependência associada ao uso de benzodiazepínicos e barbitúricos, fato que foi evidenciado no estudo de Picolotto et al (2010). O risco das mulheres sofrerem abuso sexual quando intoxicadas foi manifestado pela maioria dos sujeitos.

Segundo Zalaf e Fonseca (2010), há uma relação de subalternidade das mulheres em relação aos homens. Aquelas tendem a omitir a dependência química devido ao preconceito, dificultando o diagnóstico e o tratamento. Outro dado marcante foi à culpabilidade das mulheres por serem usuárias de drogas, tanto por si mesma como pelos demais.

As demais categorias revelaram situações já contextualizadas em outros estudos, como ao início de uso ser, em sua maioria, na adolescência, a liberdade de acesso às drogas que a moradia proporciona, questões relacionadas à influência familiar e a violência. Segundo as autoras, a pesquisa evidenciou que a moradia universitária não apareceu como elemento responsável por desencadear o consumo de álcool e outras drogas, mas como mais um elemento favorecedor (ZALAF; FONSECA, 2009).

Estudo de cunho qualitativo, desenvolvido por Lopes e Pessanha (2008) cujo objetivo foi identificar as concepções dos docentes da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FENF/UERJ) a respeito do fenômeno das drogas, constatou que os mesmos adquiriram conhecimento acerca da temática ao longo da vida, não tendo a academia fornecido conhecimento nem habilidades para enfrentar situações acerca do fenômeno das drogas. Tal situação foi evidenciada nos estudos de Carraro, Rassool e Luis (2005), onde o jovem acadêmico não se sente preparado para lidar com essas questões mesmo acreditando ser a enfermagem a responsável pelos cuidados a essa clientela.

Em relação às concepções dos professores acerca do fenômeno das drogas, estes conceberam essa problemática como um evento multifacetado e multicausal que abrange o meio social, econômico, familiar e educacional. Os docentes também caracterizam a droga como uma doença que gera dependência e necessita de discussões de caráter ético-jurídico (LOPES; PESSANHA, 2008).

Essa concepção foi transmitida aos graduandos, fazendo com o que estes considerem a droga como um problema que deve ser medicalizado e institucionalizado.

Apesar de ainda haver concepções de droga como doença, observou-se a partir da análise dos depoimentos que o enfoque encontra-se centrado no sujeito, além da busca por estratégias que visam à prevenção do uso e abuso de drogas em todas as esferas do cuidado em enfermagem (LOPES; PESSANHA, 2008).

Os trabalhos selecionados para a revisão de literatura apontaram o uso de álcool e/ou outras drogas entre universitários como um problema de saúde pública, que necessita de políticas claras, uniformes e efetivas providas do Estado, das instituições de ensino para melhor enfrentamento, por parte desses indivíduos, no que se refere às drogas, prevenção e tratamento.

Verifica-se o álcool como a droga de maior consumo entre os estudantes. No entanto, o consumo de benzodiazepínicos e anfetamínicos principalmente por mulheres, foi um achado dos estudos de Botti, Lima e Simões (2010), Nóbrega et al (2012) e Picolotto et al (2010). Outro achado importante se referiu ao início do consumo, uma vez que a maioria dos estudos relatou ser anteriormente ao ingresso na universidade.

Dentre os estudos selecionados apenas um utilizou a abordagem qualitativa, para compreender o problema do uso de álcool e/ou outras drogas entre estudantes universitários de uma moradia estudantil. Esse trabalho apresentou uma riqueza de detalhes que exploram os sentimentos, sensações, razões, significado, concepções e motivações, considerando suas particularidades.

O estudo de Zalaf e Fonseca (2009) evidenciou as diferenças de gênero e a intensidade com que os padrões sociais podem afetá-los. Diferentemente dos demais estudos que buscaram, por meio de instrumentos de coleta, verificar os hábitos, reações, atitudes e opiniões do público alvo.

A maioria não aborda o papel da enfermagem frente a essa situação. Outro fato de extrema importância é o desenvolvimento de pesquisas que retratem o uso de álcool e/ou outras drogas entre universitários fazendo uma comparação entre gênero.

Em relação ao papel da enfermagem, notou-se a consciência desses profissionais enquanto responsáveis pelos cuidados aos usuários de álcool e/ou outras drogas. No entanto, parecem existir lacunas em relação ao preparo dos acadêmicos de enfermagem para lidar com esta questão, pois ainda prevalece uma visão biomédica.

No geral, os estudos aqui apresentados, apontaram para um aumento do consumo de álcool e outras drogas entre mulheres. Tal evidencia foi reiterada pelo último relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) no qual fatores como aumento da renda e estresse

serão essenciais para que essas cheguem ao patamar de consumo semelhante aos homens até 2020 (UNODC, 2014).

Embora exista uma preocupação entre os pesquisadores em relação ao uso de álcool e/ou outras drogas entre universitários, ficou evidente nos estudos que o início do consumo dessas substâncias entre mulheres não se encontra, necessariamente, vinculado ao ingresso na universidade. Tal afirmação é retratada nos estudos aqui expostos, que apontaram a primeira experiência com bebidas alcoólicas entre os graduandos entre a faixa etária de 13 a 18 anos.

Ainda que o ambiente universitário não propicie o início do consumo, há de se considerar que o uso dessas substâncias nesse ambiente pode ser intensificado, ou até mesmo estimulado, devido ao processo de mudança vivenciado durante essa fase da vida. Fatores como distanciamento do núcleo familiar, pertencimento a novos grupos, sobrecarga de atividades e permissividade de condutas são primordiais para a adesão ou intensificação do consumo.

Outro fato a se destacar refere-se aos comportamentos de risco a que essas jovens estão sujeitas, como relações sexuais desprotegidas que podem resultar em gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis (DST's), agressão e acidentes automobilísticos. O consumo desregrado de substâncias psicoativas corrobora para um quadro de dependência que conforme a gravidade pode resultar em depressão, tentativa de suicídio e morte. Essa realidade parece não diferir entre as universidades brasileiras, fato que nos instigou a desenvolver este estudo, no intuito de contribuir para a implementação de ações que visem à redução do consumo de drogas.

Assim, sugiram as seguintes inquietações: Como é ser universitária e fazer o uso de álcool e/ou outras drogas? Como era sua vida antes de ingressar na universidade? Que motivos as levam a consumir álcool e/ou outras drogas?

Tendo em vista a escassez de estudos qualitativos que abordem essa temática, buscamos compreender o significado do uso de álcool e/ou outras drogas entre universitárias na perspectiva sociocultural, considerando que todo ser humano é provindo de uma cultura e traz consigo hábitos e costumes que interferem no seu comportamento e ações.

4 A OPÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA

Com o objetivo de interpretar o significado da experiência do uso de álcool e/ou outras drogas entre universitárias, desenvolvi um estudo no qual foi utilizada a abordagem teórico-metodológica da Etnografia fundamentada na Antropologia Interpretativa de Geertz.

A Antropologia Interpretativa tem por objetivo o estudo das culturas e seus significados retratados pelos sujeitos em suas práticas sociais e da descrição densa da realidade vivenciada por eles. A organização da vida social ocorre por meio de símbolos, como sinais, representações, e o seu sentido deve ser captado se quisermos compreendê-la e formular princípios ao seu respeito (GEERTZ, 2014).

Este antropólogo caracteriza a Antropologia como ciência interpretativa, visto que o indivíduo, enquanto gerador da cultura produz e re-produz os sentidos que podem ser interpretados. Buscando compreender os significados, sua análise considera o contexto histórico sociocultural em que ocorrem suas condutas e interrelações. A cultura, segundo o autor:

“denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas e expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ, 2014, p.66).

Geertz trabalha com o conceito semiótico de cultura, o que possibilita a busca de significados concedidos aos signos. Segundo ele,

“o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumindo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados” (GEERTZ, 2014, p.4).

Sendo assim, a cultura é um contexto dentro do qual os acontecimentos sociais, as instituições e os comportamentos podem ser escritos com densidade. Ela consiste em estruturas de significados socialmente estabelecidos, ou seja, em sistemas entrelaçados de signos interpretáveis.

Compreender os diferentes significados não é o suficiente para a concepção de uma descrição densa. Ressalta-se, que entre a descrição superficial e a descrição densa encontra-se o objeto da etnografia, uma hierarquia estratificada de estruturas significantes dos quais as ações sociais são arquitetadas, apreendidas e interpretadas. Essa articulação possibilita atribuir

os significados que se encontram implícitos. Entende-se, portanto, que essas estruturas se articulam, e é nessas associações de conjuntos de símbolos que se conferem os significados. A complexidade cultural relaciona-se justamente à articulação desses conjuntos de símbolos (GEERTZ, 2014).

A etnografia possibilita compreender na perspectiva do outro, como é o caso das universitárias que fazem uso de álcool e/ou drogas. Justificamos seu uso pelo fato de possibilitar uma descrição densa da realidade vivenciada, considerando-se as dimensões biopsicosocioculturais e espirituais.

Na perspectiva de Geertz:

“Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, ementas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não como os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (GEERTZ, 2014, p.7).

Para a realização da etnografia torna-se necessário o trabalho de campo, como forma de proporcionar uma leitura das entrelinhas e uma descrição criteriosa dos fatos em questão, mesmo que essas interpretações sejam transitórias e sempre passíveis de questionamentos (GEERTZ, 2014).

Ao realizar etnografia, o pesquisador descobre variadas estruturas conceituais complexas, muitas delas atreladas e justapostas umas às outras, que são concomitantemente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem, de alguma forma, primeiro compreender e depois apresentar (GEERTZ, 2014).

Sendo assim, percebe-se que a etnografia é, a priori, um exercício da empatia e da paciência, em que na proximidade com o excêntrico, o pesquisador absorve-o a ponto de retratá-lo minuciosa e densamente, ou seja, iniciamos com as nossas considerações do que pretendem nossos informantes, ou o que achamos que eles pretendem, e depois passamos a sistematizá-las (GEERTZ, 2014).

O produto da etnografia, aquilo que o pesquisador inscreve e aponta, resgata episódios passados, permitindo seu estudo. Entretanto,

“A vocação essencial da antropologia interpretativa não é a de responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram [...] e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou” (Geertz, 2014, p. 21).

A descrição etnográfica possui três características importantes: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” e fixá-lo em formas pesquisáveis (GEERTZ, 2014).

O antropólogo aborda caracteristicamente interpretações mais vastas e análises mais subjetivas a partir de um conhecimento muito amplo de assuntos extremamente pequenos. Assim, fatos pequenos podem relacionar-se a grandes temas porque são levados a isso. O objetivo da etnografia é tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; o que a caracteriza como microscópica (GEERTZ, 2014).

A leitura do texto etnográfico possibilita ao leitor uma visão fragmentada da realidade que está sendo disposta, tanto no que se refere às relações que se processam entre os protagonistas, quanto ao ambiente que os circundam. No entanto, o etnógrafo não é capaz de perceber aquilo que os informantes percebem. O que ele percebe, e com bastante insegurança, é o ‘com que, ou ‘por meio de que’, ou ‘através de que’ os outros percebem (GEERTZ, 2014).

Sendo assim, a cultura, exposta nestes sentidos, é idealizada em sua dimensão de historicidade, uma vez que os ambientes simbólicos compartilhados entre os integrantes dessa realidade são retomados através da trajetória histórica de sua construção.

Considerando o conceito de cultura apresentado por Geertz (2014), e sabendo que a descrição densa se constitui o alicerce que estrutura o trabalho do pesquisador, concluímos que a análise cultural é complexa e incompleta, que nos conduz às singularidades e particularidades do universo social, assimilando aquilo que não somos capazes de assimilar em nossa cultura. A antropologia tem essa virtude, contrapor distintas realidades com a nossa, ampliando a compreensão humana sobre as diversidades culturais.

5 O CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

Este estudo foi desenvolvido com universitárias de uma Instituição Pública de Ensino Superior brasileira, localizada na região Sudeste, no período de novembro de 2014 a dezembro de 2015. Atualmente essa instituição oferece cursos de graduação na modalidade presencial, pertencentes às áreas de Ciências da Saúde, Ciências Humanas e Sociais, Ciências Biológicas e Ciências Exatas, na Sede e em outros campi localizados em cidades vizinhas, além de cursos na modalidade à distância. A Pós-graduação oferece cursos na modalidade *latu sensu* e *stricto sensu* em nível de mestrado e doutorado. Por questões éticas restringi a descrição dessa instituição.

5.1 A busca pelas participantes

Para o estabelecimento do primeiro contato, me direcionei as salas de aula e me apresentei como enfermeira e mestranda. Em seguida expliquei, sucintamente, os objetivos do estudo e solicitei a participação das universitárias. Em data e horário previamente escolhidos pelas interessadas, foi agendado o início da coleta de dados nas dependências da universidade ou nas suas residências.

Antes do início da coleta de dados, expliquei com clareza os objetivos do estudo e solicitei a autorização para observá-las, na Instituição de ensino e nas festas universitárias, no intuito de aprimorar minhas observações e anotações no diário de campo. Diante da concordância, solicitei a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APENDICE A). A partir desse instante, passei a conviver com elas.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas com autorização, observação participante e anotações em diário de campo.

Iniciei o estudo no dia 22 de novembro de 2014 acompanhando um grupo de universitárias em uma festa promovida por uma comissão de formatura. As minhas idas às festas ocorriam de forma aleatória, principalmente aos finais de semana, e de acordo a disponibilidade das participantes do estudo.

Os primeiros contatos foram informais, ocorridos geralmente em festas. No entanto, com o passar do tempo, observei sinais de efetivação dos elos, possibilitando maior abertura

ao diálogo. Com essa conquista, passei a me integrar melhor com o grupo, sendo convidada a ir às festas, bares e eventos com elas.

Utilizei um instrumento para a coleta de dados (APÊNDICE B) contendo as iniciais do nome; endereço; idade; cor; religião; período; curso; dependência em disciplinas; fonte de renda; renda familiar; renda pessoal; atividade remunerada; opção sexual; local de nascimento; local que reside atualmente; filhos, estado marital; se frequentou a universidade antes e com quem mora. As entrevistas, por mim realizadas, gravadas em MP4 foram desenvolvidas com as seguintes questões norteadoras:

- a) Como era a sua vida antes de seu ingresso na universidade?
- b) Fale como é para você ser universitária e fazer uso de bebidas alcoólicas e/ou outras drogas.

Destaco que as entrevistas tiveram duração variável, foram enumeradas de acordo com a sequência de realização e estão apresentadas com a letra E, seguida do número arábico correspondente. Durante a coleta de dados atentei para a compreensão das informações pelas participantes, como também para o ambiente, facilitando a disponibilidade das informações. Realizei em média, duas entrevistas por participante. Estas foram transcritas por mim, logo após serem realizadas, analisadas e arquivadas eletronicamente, utilizando-se o Programa *Word*.

Além das festas, a instituição de ensino, um bar frequentado pelas universitárias e as residências delas, serviram para observar de perto a experiência dessas participantes do estudo que fazem uso de álcool e/ou outras drogas.

Ressalto que para desenvolver este estudo respeitei a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466, de 12 de dezembro de 2012, sendo solicitada a autorização da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade (APÊNDICE C) (BRASIL, 2012). De posse da autorização, o projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil e encaminhado ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Alfenas, sendo aprovado sob parecer nº 822.626 (ANEXO A).

5.2 A descrição do grupo social

Participaram deste estudo, 19 universitárias, maioria na faixa etária de 22 anos, católicas, sendo dezessete solteiras. Houve o predomínio de renda familiar de 5 salários

mínimos, sendo que dezesseis eram dependentes dos pais e familiares financeiramente e sete eram bolsistas de projetos de iniciação científica. No que se refere à moradia, quinze moravam em repúblicas, duas com os pais e uma sozinha. Em relação aos cursos, treze eram da área de Ciências da Saúde, três da área de Ciências Humanas e Sociais e três da área de Ciências Exatas. Todas as participantes encontravam-se devidamente matriculadas e cursavam entre o 2º e o 10º período dos cursos. Quanto à dependência em disciplinas, dez estudantes relataram apresentar ao menos uma.

A seguir, apresento cada uma das universitárias selecionadas para este estudo. Reitero que as participantes receberam nomes fictícios de forma aleatória, com o propósito de garantir no anonimato e respeitar os princípios éticos estabelecidos.

BÁRBARA

Barbara, 36 anos, negra, católica, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de três salários mínimos. Acadêmica do 7º período de um curso da área de Ciências da Saúde relatou apresentar dependência em disciplinas.

Contou que desde quando ingressou na universidade optou por morar sozinha em uma *kit net* próxima ao centro da cidade. Durante nossos encontros se mostrava tímida e apreensiva. Sempre falou com muito carinho dos pais, a família, segundo ela, é a base de tudo. A religião também é considerada por ela algo primordial, tendo o costume de ir à missa semanalmente e de rezar em casa todos os dias.

Em relação ao consumo de álcool, Barbara relatou que os pais nunca a incentivaram a consumir, sua primeira experiência com bebidas ocorreu após a entrada na universidade. Ela disse não apresentar o costume de beber sempre, somente quando há alguma festa, churrasco da turma, nesses momentos de interação.

CAMILA

Camila, 24 anos, branca, espírita, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de quatro salários mínimos. Mora com os pais. Encontrase no 8º período de um curso da área de Ciências Exatas. Relatou apresentar dependência em disciplinas do curso.

A residência de Camila é próxima a universidade, o que facilitou meu deslocamento. No decorrer dos encontros, observei que se mantinha sempre sorridente e animada. Ela relatou

adorar festas, principalmente as universitárias. Diz ter controle do consumo de bebidas, tendo o costume de beber apenas “socialmente”. No entanto, no tempo em que a acompanhei nas festas, sua postura foi distinta da relatada, demonstrando a constante necessidade de estar bêbada. Para ela o consumo de bebidas alcoólicas entre universitários é completamente normal, e apesar de saber as consequências do uso destas, diz que o seu consumo na maioria das vezes lhe faz muito bem.

Os pais, segundo ela, sempre foram presentes e rigorosos. Em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, o pai bebe muito pouco, a mãe apesar de não beber, faz uso de antidepressivo. Camila relatou casos de etilismo na família, dois primos da qual não matem contato.

LARISSA

Larissa, 24 anos, branca, não apresenta afiliação religiosa, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de quatro salários mínimos. Mora em república com mais duas amigas. Encontra-se no 7º período de um curso da área de Ciências da Saúde. Relatou apresentar dependência em disciplinas do curso.

Antes de estudar na atual instituição, Larissa iniciou seu curso em outro município, tendo pedido transferência. Segundo ela, antes de chegar à universidade na qual encontra-se matriculada, bebia apenas destilados, atualmente também consome cerveja, tendo esse costume adquirido há pouco tempo. Larissa diz ser “forte para bebida” e não consome, sob hipótese alguma, bebidas alcoólicas na frente dos pais, bebendo apenas escondido.

Em relação à infância, diz ter sido tranquila. Os pais são separados e de acordo com seu relato, não bebe absolutamente nada, a mãe é tabagista e é dependente de medicação para dormir.

JULIANA

Juliana, 25 anos, parda, espírita, heterossexual, solteira, dependente dos pais, que apresentam renda familiar em torno de cinco salários mínimos. Mora com os pais. Apresenta renda pessoal, de R\$ 300,00 provinda de uma bolsa de iniciação científica. Encontra-se no 8º período de um curso da área de Ciências Humanas e Sociais, não apresenta dependência em disciplinas do curso.

Em relação ao convívio com os pais, Juliana diz ter uma excelente relação com a mãe, sendo ela sua melhor amiga. No que se refere ao pai, a convivência sempre foi muito conturbada. Segundo ela, sua infância foi muito difícil, o pai era tabagista e etilista a ponto de viver a base de cachaça. Ele somente interrompeu o consumo devido ao comprometimento de sua saúde. Durante o tratamento chegou a frequentar os Alcoólatras Anônimos (AA) e fez uso de medicação controlada. Ao longo de todo esse processo, a sua mãe foi à pessoa que mais sofreu, tendo desenvolvido um quadro de depressão, da qual trata até hoje. Faz 14 anos que ele parou de fumar e beber, mas segundo Juliana, seu relacionamento com o pai continuou distante.

No tocante ao uso de álcool e outras drogas, ela relata beber com frequência e tragar um cigarro somente na presença dos amigos. Para ela, toda situação vivenciada pelo pai não a influenciou no consumo de bebidas alcoólicas.

VITÓRIA

Vitória, 25 anos, branca, católica, heterossexual, solteira. Exerce atividade remunerada, tendo uma renda pessoal de aproximadamente R\$1.000,00. Encontra-se no 10º período de um curso da área de Ciências Exatas. Relata apresentar dependência em disciplinas do curso,

Ao vir para universidade, Vitória optou em morar com uma amiga também provinda de sua cidade natal. Segundo relato, as duas sempre se deram bem, estando sempre juntas nas festas da faculdade.

No que se refere ao relacionamento com seus pais, Vitória disse que tem bom relacionamento, apesar de considerá-los muito rígidos. A mãe bebe socialmente e o pai tem depressão profunda, fazendo o uso contínuo de antidepressivo.

Em relação ao consumo de bebidas alcoólicas relatou ter consumido exageradamente no início da graduação, atualmente o consumo, segundo ela, é mais social, apenas em barzinhos, durante um jantar, por exemplo. Relatou ter experimentado lolo o ano passado, não sentindo nada de fantástico, tanto que não pensa em usá-lo novamente.

MARCELA

Marcela, 22 anos, branca, Wicca, bissexual, solteira, renda pessoal de R\$ 400,00, provinda de uma bolsa de iniciação científica. Encontra-se no 4º período de um curso da área de Ciências da Saúde. Relata não apresentar dependência em disciplinas do curso,

Ao vir para universidade, Marcela optou por morar em república, sua relação com as demais meninas com quem mora é extremamente forte, uma se preocupa com a outra, conversam, se ajudam, observa-se o quão importante é relacionamento entre elas.

Seu relacionamento com os pais foi conflituoso quando decidiu sair de casa para estudar. Eles não aceitavam, só agora, reatou os laços com sua família. O pai era tabagista e bebia muito, recorda que durante a infância, ele era agressivo, batendo nela, nos irmãos e na mãe. A mãe sempre teve tendências depressivas, estando em tratamento até hoje. Durante os encontros, Marcela se mostrava sempre triste ao falar dos problemas pessoais.

Atualmente, Marcela encontra-se em tratamento para depressão. Em relação ao uso de bebidas alcoólicas, relata beber com frequência, sendo que nesses casos bebe para perder a dignidade. No que se refere ao uso de outras drogas, assumiu ter experimentado maconha, considerando seu uso mais saudável comparado ao álcool e demais substâncias.

LIZ

Liz, 25 anos, negra, católica, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de cinco salários mínimos. Encontra-se no 8º período de um curso da área de Ciências da Saúde. Relatou apresentar dependência em disciplinas do curso.

Antes de ingressar na universidade, trabalhava como vendedora de uma loja de móveis em sua cidade natal, após o ingresso, parou de trabalhar e passou a depender de seus pais. Atualmente, mora em república e disse que se relaciona muito bem com as companheiras.

Segundo ela, sua relação com pais é excelente, sendo eles muito amorosos. Em relação ao consumo de álcool e outras drogas, contou que os pais nunca a incentivaram, tanto que ambos bebiam socialmente.

Em relação ao consumo de álcool, declarou que já bebeu inúmeras vezes, passando mal a ponto de ir parar no hospital. Com relação às drogas, já experimentou, por curiosidade, maconha e doce. Para ela, o consumo de álcool e outras drogas são considerados, dentro da universidade, como algo padrão, ou seja, completamente normal.

FLÁVIA

Flávia, 24 anos, branca, católica, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de oito salários mínimos. Apresenta renda pessoal de R\$ 400,00, provinda de uma bolsa de iniciação científica. Encontra-se no 10º período de um curso da área de Ciências da Saúde, não apresenta dependência em disciplinas do curso.

Antes de ingressar na universidade, Flávia relata ter tido uma vida tranquila. Ela começou a namorar aos 15 anos de idade. Sua infância foi um pouco complicada, pois seus pais se separaram quando ela tinha seis anos, logo sua mãe casou-se novamente e aos poucos foi se adaptando a situação e ao padrasto. Após a separação, o pai se distanciou, ligando apenas em datas comemorativas.

Flávia mora em república, e conforme seu relato sempre houve muitas festas, bebidas, gente e animação, tudo isso principalmente durante o primeiro ano de faculdade.

Com relação ao consumo de álcool, diz ter preferência por bebidas destiladas. No que se refere às outras drogas, declara nunca ter tido curiosidade em consumi-las. O respeito à mãe, a religião e próprio preconceito referente ao uso foram os principais motivos para o não uso.

LUIZA

Luiza, 38 anos, branca, Wicca, bissexual, divorciada, dois filhos, renda pessoal de dois salários mínimos. Mora em república com uma das filhas, a outra mora com o pai. Encontra-se no 2º período de um curso da área de Ciências Humanas e Sociais, não apresenta dependência em disciplinas do curso.

Relata que desde a infância a sua vida foi muito complicada. O pai era etilista e morreu em decorrência do vício, sua agressividade fez com que ela e o irmão desenvolvessem traumas psicológicos. Os pais se separaram quando ela tinha dez anos de idade. A mãe ficou sendo a única responsável pelos filhos. Já adulta Luiza se casou e logo se divorciou vindo apresentar depressão, neste período, ela passou a consumir muito álcool e a experimentar outras drogas como maconha e cocaína. Decidida a não seguir os mesmos passos do pai, optou por abandonar o consumo dessas substâncias.

Segundo ela, o consumo de álcool e outras drogas são uma coisa cultural associada à facilidade de obtenção, quantidade em festas e a própria república. O consumo dessas substâncias se resume a curtidão. Disse que atualmente ela faz uso de álcool com maior frequência, maconha e cocaína esporadicamente.

JEANE

Jeane, 22 anos, branca, católica, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de dois salários mínimos. Mora em república. Apresenta renda pessoal, de R\$ 550,00 provinda de uma bolsa de iniciação científica. Encontra-se no 6º período de um curso da área de Ciências da Saúde. Relatou apresentar dependência em disciplinas do curso.

Contou que anteriormente ao ingresso à universidade, morava num pequeno distrito, onde não havia muita coisa para fazer. Sua infância foi ótima, brincava muito, apesar de ter as responsabilidades referentes à idade.

Segundo ela, sempre teve um bom relacionamento com os pais que sempre beberam socialmente e nunca a incentivaram consumir álcool. A mãe faz uso contínuo de medicação para dormir. O irmão apresentou sérios problemas com drogas, sendo internado para tratamento.

Conforme relato de Jeane, o uso de bebidas alcoólicas só ocorreu após ingressar na universidade, nunca teve curiosidade em experimentar drogas, por medo de chegar a dependência, assim como o irmão.

CARLA

Carla, 20 anos, branca, católica, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de três salários mínimos. Encontra-se no 6º período de um curso da área das Ciências da Saúde. Relatou apresentar dependência em disciplinas do curso.

Ao descrever as lembranças da infância, Carla demonstrou uma grande alegria, dizendo a mesma ter sido maravilhosa, como a mãe trabalhava, ela e os irmãos ficavam com uma babá. O pai trabalhava fora, mas todos os finais de semana retornava para vê-los. De acordo com suas declarações, seus pais sempre beberam socialmente, em reuniões familiares.

Desde o início da faculdade, Carla mora em república, a relação estabelecida entre as companheiras é extremamente forte. A república é vista como uma segunda família. Para ela, o maior suporte emocional fora de casa.

Em relação ao uso de álcool, relata beber principalmente na presença dos amigos, como forma de interação. Segundo ela, já bebeu para causar, chegando ao ponto de não se

lembrar de nada que ocorreu no dia anterior. No que se refere ao uso de drogas, já experimentou maconha, mas foi anterior a entrada na universidade.

JÚLIA

Júlia, 22 anos, branca, espírita, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de nove salários mínimos. Encontra-se no 7º período de um curso da área de Ciências Exatas, não apresenta dependência em disciplinas do curso.

Contou que a sua vida antes do ingresso na universidade se resumia ao cursinho e ao namoro. Sua infância foi bem tranquila, os pais eram rigorosos com notas e comportamento, mas nada exagerado, segundo ela. Houve uma época em que os pais viviam separados, ela tinha apenas seis anos de idade. Esse período foi muito estressante, tendo em vista que o pai foi embora enquanto ela não se encontrava em casa, por esse motivo ela passou a realizar tratamento psicológico por achar que toda vez que saísse de casa alguém iria se ausentar.

Os pais consomem bebidas alcoólicas socialmente. A mãe faz o uso de antidepressivo. Segundo ela, seus pais nunca a incentivaram a beber, pelo contrário, sempre a reprimiram.

Desde quando chegou à universidade, Julia mora em república, e se diz feliz, pois a maiores amizades foram feitas neste lugar.

Com relação ao uso de álcool, relatou já ter bebido ao ponto de ficar inconsciente várias vezes, uma vez chegou a trincar o osso do rosto devido a uma brincadeira entre amigos. No que se referem as demais drogas, chegou a experimentar maconha e mole, uma substância que, segundo ela, é mais leve que a cocaína. Essa substância ela experimentou nos Estados Unidos durante o intercâmbio.

ANA

Ana, 20 anos, parda, católica, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de sete salários mínimos. Mora em república. Encontra-se no 4º período de um curso da área de Ciências da Saúde, não apresenta dependência em disciplinas do curso.

Relatou que antes de ingressar na universidade fazia cursinho, morava com suas irmãs e namorava. Sempre apresentou um bom relacionamento familiar, e somente saiu de casa porque tinha a intenção de estudar.

Ao falar da infância e dos pais sempre se emocionava, disse que teve uma infância muito feliz. Os pais sempre foram presentes, educando-a dentro dos limites, mas sem muito rigor. Disse que não se recordava de vê-los bebendo direto, somente em ocasiões bem sociais. A mãe faz uso de ansiolítico e antidepressivo. Contou que também já fez uso de medicamentos devido a crises de Síndrome do Pânico.

Quanto ao consumo de bebidas alcoólicas, ela relatou beber raramente e nunca fez uso de qualquer outra droga.

A família tem uma importância significativa na vida de Ana, ela disse que odiava a cidade da qual se encontra porque associa a tudo que deixou para trás. Se não fosse o curso que ela tanto ama, já teria ido embora.

SIMONE

Simone, 22 anos, branca, espírita, heterossexual, vive em união estável, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de cinco salários mínimos. Apresenta renda pessoal de R\$ 400,00 provinda de uma bolsa de iniciação científica. Encontra-se no 10º período de um curso da área de Ciências da Saúde, não apresenta dependência em disciplinas do curso.

Segundo ela, a sua vida antes da entrada na universidade era bem tranquila. Estudava de manhã, nadava a tarde e fazia suas coisas à noite. Ao falar do período de infância relatou que foi muito feliz, apesar de alguns momentos de tristeza relacionados ao pai, que bebia muito durante o final de semana. Ele só veio a parar de beber após o falecimento de sua avó, mãe dele. A mãe não bebia, mas fumava.

Contou que começou a beber ao ingressar na faculdade, que já bebeu até passar mal, principalmente no primeiro ano. Em relação às drogas, relatou não ter nenhuma curiosidade em experimentar, usa apenas o cigarro.

A república é muito valorizada por ela, visto que foi um ambiente que permitiu que ela deixasse de ser individualista e pensasse mais em conjunto.

LAURA

Laura, 25 anos, branca, católica, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de seis salários mínimos. . Apresenta renda pessoal de R\$ 400,00 provinda de uma bolsa de iniciação científica. Mora em república. Encontra-se no 7º

período de um curso da área de Ciências da Saúde. Relata apresentar dependência em disciplinas do curso.

Contou-me que a sua rotina antes de ingressar na universidade era a prática de exercícios físicos, esportes e estudos. Relatou-me ainda que teve uma infância legal e proveitosa e que se pudesse voltar no tempo, gostaria. Apresentava uma boa convivência com os pais, ambos bebiam raramente. Segundo ela, quem cuidava dela e dos irmãos era o avô que era etilista. Laura usou álcool pela primeira vez com treze anos de idade e desde então o consome com frequência.

Na universidade, adorava ir às festas open bar, pela liberdade em relação ao consumo de bebidas. Atualmente, ela tenta reduzir o consumo devido aos prejuízos relacionados à perda de memória. Além do álcool, Laura já experimentou lolo.

MICHELE

Michele, 26 anos, branca, católica, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de seis salários mínimos. Mora em república. Encontra-se no 8º período de um curso da área de Ciências da Saúde, não apresenta dependência em disciplinas do curso.

Segundo ela, o seu cotidiano antes da entrada na universidade era voltado apenas para os estudos. Na infância sempre teve os pais muito presentes, o que possibilitou que essa fase da vida fosse recheada de coisas maravilhosas.

O pai bebe uma quantidade considerável, a mãe não consome nenhum tipo de bebida alcoólica. Michele disse que faz uso apenas do álcool e que nunca se interessou por outras drogas.

Para ela, a bebida é uma forma de socialização, você nunca vê ninguém bebendo sozinha no ambiente universitário. Ela compara a bebida à coca cola que reúne as pessoas e não deixa de ser viciante.

ÉRICA

Érica, 22 anos, branca, espírita, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de oito salários mínimos. Mora em república. Encontra-se no 6º período de um curso da área de Ciências da Saúde. Relatou apresentar dependência em disciplinas do curso.

Disse que fazia cursinho e saia com os amigos uma vez ou outra antes de ingressar na universidade. Sua infância, segundo ela, foi boa, com apenas um “porém”, os pais eram separados. Essa fase foi muito complicada, principalmente quando o pai começou a namorar, o fato de não aceitar fez com que ela fosse encaminhada para tratamento psicológico.

O consumo de bebidas alcoólicas era feito pelos pais apenas de modo social. Érica se considera forte para bebida, mas já chegou a ir embora inconsciente levada pelos amigos. Em relação ao consumo de drogas, ela relatou ter experimentado maconha, lança perfume e doce.

No início da faculdade, ela considerava normal o consumo de álcool e outras drogas. Atualmente, sua visão já não é a mesma, tendo em vista que passou a trabalhar com um grupo de crianças dependentes, o que fez com que se deparasse com uma realidade pesada em relação ao consumo dessas substâncias. Disse ainda que precisa pensar na vida profissional daqui para frente.

VIVIANE

Viviane, 19 anos, negra, católica, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de cinco salários mínimos. . Apresenta renda pessoal de R\$ 400,00 provinda de uma bolsa de iniciação científica. Mora em república. Encontra-se no 4º período de um curso da área de Ciências da Saúde, não apresenta dependência em disciplinas do curso.

Relatou em nossos encontros que a sua vida sempre foi muito corrida, trabalhava e estudava, gostava de ficar em casa quando tinha tempo. Na infância, foi uma criança muito mal educada, respondia para a mãe e não tinha muito contato com o pai. Ele somente voltou a se aproximar quando completou quinze anos. Relatou também detestar a cidade natal e não apresenta boa convivência com a mãe.

Segundo ela, os pais fazem o consumo de bebidas alcoólicas, sendo que o pai bebe descontroladamente, além de ser tabagista. A mãe faz o uso de antidepressivo. Viviane relata que teve incentivo, por parte da mãe, para o consumo de bebidas alcoólicas desde criança, ela sempre bicava a cerveja, e com o passar do tempo sua mãe passou a comprar cerveja sem álcool para ela beber.

Disse que atualmente, detesta qualquer tipo de bebida e que muitas vezes consome em festas, porque os organizadores não disponibilizam nem água para beber.

FERNANDA

Fernanda, 24 anos, branca, espírita, heterossexual, solteira, depende dos pais, que apresentam renda familiar em torno de oito salários mínimos. Mora em república. Encontra-se no 6º período de um curso da área de Ciências Humanas. Relata apresentar dependência em disciplinas do curso.

Sobre a sua infância disse ter sido, no geral, boa. Em relação aos pais, relatou uma boa convivência e que eles bebem socialmente. Anterior ao ingresso na universidade fazia cursinho e morava com os pais.

Ela contou que além de consumir bebidas alcoólicas, experimentou, por curiosidade, maconha. Essa última, ela usou durante o período que fez intercâmbio no exterior. Segundo ela, a cultura desse país é diferente da nossa, as bebidas são muito caras, sendo mais fácil a aquisição de outras drogas.

6 O ENSAIO INTERPRETATIVO

O presente capítulo refere-se à apresentação dos resultados do estudo, ou seja, a minha interpretação acerca do significado da experiência do uso de álcool e/ou outras drogas entre universitárias utilizando a abordagem teórico metodológica da etnografia, fundamentada na Antropologia Interpretativa de Geertz. Assim, da interpretação dos sentidos dados a essa experiência, apresento os seguintes temas: “O simbolismo da droga” e “O simbolismo da não droga”.

6.1 O SIMBOLISMO DA DROGA

O consumo de substâncias psicoativas acompanha a história da humanidade, pois praticamente em todas as culturas, nas mais distintas épocas, essas substâncias foram e estão sendo utilizadas em rituais místicos/religiosos, como mediadoras nos relacionamentos sociais, em festividades, ou ainda como busca pelo prazer (NEVES; MIASSO, 2010).

Atualmente, o consumo dessas substâncias tem se tornado um fenômeno frequente, principalmente entre jovens inseridos no contexto universitário.

Constata-se pelos depoimentos a seguir que o ingresso na universidade traz consigo inúmeras mudanças, inclusive a ruptura com o seio familiar. Embora as participantes tenham mencionado que os pais eram rigorosos, verifica-se que muitas delas relataram que começaram ou aumentaram o consumo de bebidas alcoólicas com o ingresso na universidade, bem como, iniciaram o consumo de outras drogas. Esse envolvimento com as drogas pode estar relacionado à sensação de autonomia, à disponibilidade de drogas no meio acadêmico e também ao receio de ostracismo (MORAES et al 2013) diante das novas teias de relações que estão sendo tecidas no ambiente universitário.

[...] Antes eu bebia, era raramente. Fui beber cerveja mesmo quando eu entrei na faculdade, aí aumentou muito a quantidade de bebida (E1 Flávia).

[...] Eu quase não saía. Eu não bebia, comecei a sair e a beber depois que entrei na faculdade (E1 Camila).

Embora a família seja considerada como o primeiro agente de socialização e esse meio sociocultural influencie em futuros comportamentos (BALLANTINE; ROBERTS, 2014; RYAN et al, 2010) os depoimentos acima podem demonstrar que a cultura é dinâmica, que as pessoas vão estabelecendo novos relacionamentos, novas tramas (GUEERTZ, 2014) e algumas acabam comportando de acordo com as normas do novo meio sociocultural.

Roehrs; Lenardt; Maftum (2008) e Laraia (2008) ressaltaram que ainda que exista o estabelecimento de padrões de convivência entre grupos sociais, evidencia-se diante das dificuldades expostas no dia a dia, a capacidade do homem em recalibrar suas próprias regras na busca por normas mais apropriadas às necessidades humanas. Sendo assim, na procura por novas experiências, há o rompimento com o tradicional e, conseqüentemente, a ruptura com o sistema social, como é o caso das mulheres que se ingressam no ensino superior.

Ademais, para o senso comum, cursar uma universidade indica a oportunidade de crescimento pessoal e profissional, conquista de liberdade e desenvolvimento da autonomia. Mas este período pode tornar-se favorável para o envolvimento com o uso de drogas, uma vez que o jovem passa a enfrentar situações críticas como a separação da família, a necessidade de estabelecer novos relacionamentos, de resolver os seus problemas sozinho além do cumprimento das exigências acadêmicas (MORAES, et al, 2013; NÓBREGA et al, 2012; PASCARELLA; TEREZINI, 2005; PEREIRA et al, 2013; ZEFERINO, 2015)

Reitera-se que por trás dos aspectos positivos relacionados ao ingresso na academia há de se considerar que todo o processo de mudança é caracterizado como um período crítico, no qual os universitários se encontram mais susceptíveis ao início e manutenção do uso de álcool e outras drogas e, apesar de a universidade não ser o ponto de partida para consumo de álcool e outras drogas, o convívio no ambiente universitário propicia o aumento do consumo devido à facilidade de acesso a essas substâncias (WAGNER; ANDRADE, 2008; ECKSCHMIDT, ANDRADE, OLIVEIRA, 2013).

[...] Nas festas o consumo de maconha é normal, de bala e doce (LSD) também (E2 Fernanda).

[...] Ah é muito frequente, em todas as festas que eu fui da universidade, sempre rola todo tipo de droga (E2 Érica).

O consumo de álcool e/ou outras drogas é reconhecido como um comportamento que envolve processo de aprendizagem intermediado por agentes culturais de socialização, tais como família, colegas e religião, a partir dos quais os jovens assimilam, cognitivamente,

informações e tornam-se influenciados, e conseqüentemente influenciam o comportamento alheio (QeC-ERAN, 2005).

O estudo desenvolvido por Morera et al (2015), constatou que os sujeitos que se relacionam com um maior número de amigos que consomem drogas, apresentam maior probabilidade de uso de álcool ou tabaco. A mesma análise foi feita considerando o uso de drogas ilícitas, onde a relação familiar, a recreação e a influência dos pares foram mencionadas pelos jovens como principais motivadores no consumo dessas substâncias.

Juliana, Luiza e Marcela contaram-me as dificuldades enfrentadas na família em relação ao consumo de substâncias psicoativas, sendo o pai a figura mais destacada. No entanto, afirmaram consumir álcool com frequência, uso esporádico de tabaco, maconha e cocaína (Diário de Campo: 11/04/2015). Parece inegável que a família como primeiro agente de socialização acaba influenciando os futuros comportamentos das pessoas (BALLANTINE; ROBERTS, 2014; RYAN et al, 2010).

Pillon, O'Brien e Chaves (2005) ressaltam que o significado cultural e social de como o indivíduo reage sob a influência de substâncias psicoativas, a capacidade de perceber as situações sociais, a habilidade para focar os resultados a curto prazo, e os anseios são determinantes primordiais que definem os resultados da posição social na qual o álcool e outras drogas encontram-se inseridos.

De acordo com o grau de permissividade social e capacidade de alteração do comportamento, as universitárias distinguiram as substâncias químicas, nomeando-as como “droga forte” e “droga fraca”, o que pode ser constatado nos depoimentos a seguir:

[...] As meninas falavam que era rápido momentâneo e eu perguntei se viciava, mas era tranquilo, então eu quis experimentar (lolo) e eu sabia que não viciava por isso eu usei. Mas falou que vicia eu estou longe estou correndo (E1 Laura).

Os inalantes são substâncias ilícitas que apresentam relevância de consumo entre universitários brasileiros. Seu uso se dá pela inalação deliberada de uma substância volátil que provoca alterações mentais e de comportamento. O consumo em bares e danceterias e a facilidade de obtenção por amigos sugerem que o uso desta substância ocorra especialmente no contexto das atividades recreativas (BALHARA; VERMA; DESHPANDE, 2011).

Para as participantes:

[...] A maconha é boa, é uma droga fraca, fica relaxada fica suave assim. Tranquilo. Dá muita fome depois a famosa larica (E2 Liz).

[...] Olha, eu já usei um tantinho bom (maconha). Acho que da primeira até a quarta vez que eu tentei, eu não senti nada. Depois disso eu senti um relaxamento, vejo que é como se eu tivesse tonta sem ter ressaca, sem ter enjoou. Sabe, não dá ressaca, é até melhor, é mais barato e não traz tantos efeitos prejudiciais a meu ver (E2 Marcela).

Percebe-se que a representação social do uso da maconha, incorporada ao cotidiano social, adquire significados em conformidade com os grupos de pertença e o contexto social no qual se encontram inseridos. Ademais, esses significados resultam da interação entre o senso comum e o conhecimento científico, na qual há uma relação de influência mútua e infundável entre estes dois ambientes, culminando numa diversidade de significados que rodeiam através dos meios de comunicação formais e informais, assimilados e reelaborados socialmente (COUTINHO; ARAÚJO; GONTIÉS, 2004).

Apreende-se que uma droga pode trazer sensações de relaxamento ou euforia para as jovens e os significados são compartilhados com o meio sociocultural na produção dos sentidos (GEERTZ, 2014).

As universitárias consideraram:

[...] A cocaína é muito forte, eu usei minha primeira carreira bem velha eu não usei na adolescência. Foi uma sensação de muita euforia e no dia seguinte eu tive vontade. É como você come chocolate e tem vontade de comer mais chocolate. É uma coisa muito sutil. Se você não se dar conta você pega mais e mais (E2 Luiza).

[...] O doce (LSD) eu usei um quarto, eu fiquei com energia não cansada, usei numa festa. Fiquei a festa inteira sem cansar, mas eu não tive nenhuma alucinação de ver alguma coisa ou sentir alguma coisa. Eu só fiquei agitada. O pessoal acostuma usar um quarto ou meio, eu não tive coragem de usar meio porque eu tenho medo. Inteiro é pesado. É forte, fica muito locão se usar um inteiro (E2 Liz).

Reitero que para as participantes, os efeitos provocados pelo uso das drogas podem ser distintos, considerando as especificidades de cada organismo. A noção de “droga fraca” e “droga forte”, de acordo com os depoimentos, parece se relacionar com a capacidade de induzir à dependência e provocar alterações de comportamento que levam à agitação. A quantidade também é algo a ser considerada por elas, tendo em vista o comprometimento que o uso desregrado dessas substâncias pode causar à vida delas. Talvez elas queiram usar para se manterem com energia, mas sentem medo de perderem totalmente o controle.

Durante uma das festas que frequentei, observei que era comum inúmeras pessoas, homens e mulheres, consumindo bala (ecstasy), doce (LSD) e maconha. O consumo dessas substâncias se intensificava após o anoitecer. Um grupo que consumia maconha armazenava parte da mesma em tubos de ensaio. Diferentemente das demais drogas, a maconha era

utilizada em padrão semelhante ao álcool e tabaco. Observei a prática do consumo coletivo e características comportamentais comuns em usuárias de ecstasy (bala), extrema euforia e inquietação (Observação Participante, 22-06-2015).

Assim como evidenciado no estudo de Santos e Oliveira (2013), o consumo de drogas lícitas e ilícitas, seu impacto social e o aumento do consumo dessas substâncias são objetos de preocupação social, haja vista o crescente aumento do consumo de substâncias psicoativas para fins recreativos, considerando sua facilidade de obtenção devido às distintas formas de produção e valores mais acessíveis.

Chamou minha atenção o fato de as participantes relatarem durante os nossos encontros consumirem álcool socialmente, e negarem o uso de qualquer outro tipo de substância que não fosse o tabaco. No entanto, ao acompanhá-las nas festas constatei um comportamento contraditório entre o dito e o não dito. Percebi, durante uma festa, uma das participantes usando lolo através de uma garrafa d'água. Não havia receio, por parte dela, em utilizá-lo diante de outras pessoas. A festa era provida de dois ambientes: o sertanejo e o rock. No ambiente “rock”, as frequentadoras consumiam cerveja e outras bebidas, no entanto, o maior consumo era de tabaco e maconha. A maior parte das universitárias fazia o consumo dessas substâncias em grupo. Havia duas bandas, uma delas fazia constante apologia ao uso de drogas, um dos trechos de sua música dizia: “*Chapeleiro louco para sair da realidade*” (Observação Participante, 22-11-2014).

Destaca-se ainda, que o ingresso na universidade, quase sempre, é visto como um passaporte para a libertação do núcleo familiar, e o modelo de criação atual, no qual os pais adotam uma postura permissiva, não impondo regras e limites, pode também contribuir para a exposição desses jovens à experimentação de drogas lícitas e ilícitas (PICCOLOTO et al, 2010).

[...] Muda muito! Aqui você está sozinha sem controle de ninguém, pode fazer o que quiser (E1 Flávia).

[...] A gente tem muita liberdade aqui. A independência ajuda aqui, não tem ninguém vigiando, é cada um por si e salve-se quem puder (E1 Liz).

[...] Tá tudo muito fácil, não tem ninguém te vigiando (E1 Marcela).

[...] Quando eu venho pra cá deixo minha família, em casa meu mundo acabou, né? Aqui é terra sem lei (E1 Érica).

A falta de acompanhamento dos pais durante a vida acadêmica dos filhos foi citada como um mecanismo facilitador para o consumo de álcool e outras drogas.

[...] O que acontece é que o pai vem aqui deixa a criatura no primeiro dia de aula e busca na formatura. Não acompanha, não sabe o que está acontecendo, não presencia, e assim se tornam muito carentes, e onde eles encontram atenção eles agarram aquilo. Bebeu demais fez palhaçada chamou atenção da turma então, opa eu sou legal (E2 Michele).

Embora o depoimento acima aponte para a necessidade de acompanhamento dos pais durante a vida acadêmica dos filhos, não se pode negar que a cultura é dinâmica, que durante todo o tempo novas teias estão sendo construídas e a acadêmica deve buscar pela sua autonomia. Compete à universidade a educação, não apenas para a autonomia profissional, mas também o respeito pelas escolhas e o acolhimento, a escuta e os encaminhamentos necessários. É inegável que a liberdade e a permissividade, em algumas situações, favorecem o consumo dessas substâncias. Ademais, as festas e o próprio ambiente universitário contribuem para essa situação ao se tornar um local de propaganda e apologia às drogas, sejam essas lícitas ou ilícitas e, para se manterem no grupo social, consomem (BAUMGARTEN; GOMES; FONSECA, 2012; BIZARRO, 2006; PEUKER; FOGAÇA; OLIVEIRA et al, 2009;).

Os depoimentos a seguir evidenciaram os sentidos atribuídos ao uso das drogas entre as estudantes.

[...] O que eu entendo por droga é o que te mata aos poucos, que te vicia, eu não sou viciada (E1 Camila).

[...] Acho que é uma coisa que você usa para melhorar o momento (E1 Flávia).

[...] Eu acho que é uma forma de fuga, aí estou triste vou usar para ficar feliz, é uma fuga da realidade, não é um enfrentamento (E1 Liz).

Durante os nossos encontros, Marcela relatou que quando completou dezoito anos e resolveu sair de casa para estudar, seus pais não lhe deram apoio. Até pouco tempo, mal falava com eles. Durante a infância o avô foi sua principal referência, ele faleceu quando ela tinha oito anos de idade. Segundo ela, o pai é tabagista e chegou a usar álcool a ponto de consumir gasolina, a mãe sempre foi depressiva tendo realizado tratamento na adolescência e atualmente, para depressão pós-parto. Marcela disse que no momento encontra-se em tratamento psiquiátrico, passando por um ano muito complicado, na verdade, desde quando saiu de casa e as consequências disso estão aparecendo agora. No entanto, relatou em outro encontro o uso de álcool com frequência, sendo que nesses casos bebe para perder a dignidade. No que se refere ao uso de outras drogas, assumiu ter experimentado maconha,

considerando seu uso mais saudável comparado ao álcool e demais substâncias. (Diário de Campo: 13/04/2015).

Nóbrega et al (2012) ao desenvolverem um estudo com o objetivo de entender os padrões de policonsumo simultâneo de drogas e suas implicações de gênero, sociais e legais entre estudantes universitários, destacam que o policonsumo de substâncias psicoativas corrobora para aumentar o risco de intoxicação e de acidentes, bem como maior prejuízo ao organismo.

Para Marcela, diante do quadro de depressão e dos conflitos familiares, a droga remete a:

[...] Momentos de desespero, é basicamente isso, quero sumir do mundo, quero ir para outro lugar, outra dimensão, quero relaxar, quero ficar louca, sabe? (E1 Marcela).

O depoimento acima me levou a refletir a respeito do vazio existencial que a acadêmica pode sentir e o quanto para ela o uso de substâncias psicoativas traz alívio, nem que seja momentâneo.

Situações conflituosas vivenciadas pelas estudantes no decorrer da vida possibilitaram o processo de resignificação da droga. O sofrimento vivenciado pelo pai e por toda família durante a infância, e o próprio divórcio, possibilitou à Luiza dar um novo significado à “droga”:

[...] Prisões. Eu vi muitas pessoas se perderem, pessoas que eu amava se destruírem não só meu pai, pessoas que eram muito próximas de mim, eu vi um grande desperdício de talentos, eu vejo pessoas perdidas dentro de si mesmas (E1 Luiza).

Diferentemente de Luiza, Érica resignificou a droga após desenvolver um trabalho junto a um grupo de meninos dependentes. Segundo ela, o contato com os garotos possibilitou perceber que a droga não é brincadeira e sim, algo que destrói a vida das pessoas. A realidade com a qual se deparou foi, segundo ela:

[...] muito pesada. [...] Muito triste. Eles chegam a vender também. Tem um menino que é surdo e mudo e a mãe já era usuária de drogas, tanto é que ele ganhou aparelho para audição e a mãe vendeu para comprar drogas e ele não fala não consegue se comunicar e faz o uso de maconha (E2 Érica).

Observa-se que o significado do uso de álcool e outras drogas é inerente as construções socioculturais das universitárias. Os depoimentos acima evidenciaram diferentes expectativas sobre os efeitos do uso das drogas entre as estudantes. Para essas universitárias, a droga é percebida como aquilo que pode levar ao vício e prejudicar a saúde. O álcool, o

tabaco, a maconha e os inalantes, conforme referido por elas, não são prejudiciais à saúde. Portanto, para a maioria não são drogas. A maconha, segundo elas, é uma droga fraca por produzir um efeito de relaxamento.

Ainda que o consumo de drogas seja algo condenável por grande parte da sociedade, tendo em vista as consequências do seu uso abusivo, é primordial compreender o significado que os sujeitos atribuem à experiência com as “drogas”, de seu estado, dos motivos que os impulsiona ao consumo intermitente de determinada substância, das aceções e propósitos pelas quais a considera elementar ou essencial para a satisfação de determinados escopos e necessidades (LABETE et al, 2008).

Esses autores salientaram que as substâncias químicas se tornam uma “droga” em um determinado quadro de relações entre atividades simbólicas e o ambiente, em que exerçam saberes e poderes. O efeito é resultado da maneira como tal ou qual produto atua no sentido de orientar, organizar, educar e expressar uma determinada sensibilidade, constituídas por inúmeras interpretações, paixões e interesses. Além disso, no que diz respeito às especificidades subjetivas e individuais, o uso de qualquer substância é controlado e estruturado por forças culturais e históricas mais amplas.

Toda e qualquer pessoa elabora um conjunto de significados que conduzem suas vidas, seu modo de pensar, sentir e agir. A interpretação dos signos ou significantes na produção de significado constitui-se algo subjetivo que se relaciona com a realidade vivenciada pela pessoa. A interpretação dos acontecimentos é algo que ocorre a todo o momento, e para produzi-las, as pessoas se amparam numa variedade de elementos presentes em seu contexto sociocultural Geertz (2014).

6.2 O SIMBOLISMO DA NÃO DROGA

Pelos depoimentos das universitárias, observa-se que o álcool não é caracterizado como droga.

[...] É normal, eu bebo socialmente só quando eu vou à festa, eu não bebo diariamente. [...] Acho a coisa mais normal do mundo. Homens, mulheres bebem, todos bebem, normal (E1 Camila).

[...] O álcool eu sempre lembro estar com os amigos, comemorar, conversar. Como eu não exagero é felicidade (E1 Carla).

[...] Para mim é normal... você beber para divertir com os amigos, eu acho que não tem problema” (E1 Juliana).

Diferentemente das demais drogas, o álcool é uma substância psicoativa praticamente presente na vida da maioria das pessoas. O seu consumo é considerado socialmente comum, está vinculado a festas, comemorações e a questões valorizadas socialmente, como prazer, liberdade e lazer (VARGAS; OLIVEIRA, 2012). Acrescenta-se ainda que álcool é comercializado legalmente, sofre o mesmo controle de qualidade dos outros alimentos e seu comércio, desde que tributado, é livre, sendo pouco fiscalizado. Todo esse aparato econômico e social faz com que o mesmo não seja intitulado como droga (FIORE, 2012).

Reitero que o álcool é uma droga utilizada na maioria das sociedades, inclusive na vida cotidiana de estudantes universitários brasileiros, sendo que a maioria deles costuma consumir essa substância em festas (MORERA, 2015; TEIXEIRA et al, 2010). O seu uso excessivo entre jovens universitários é maior do que entre jovens da população em geral (VAN DAMME et al, 2013). O meio universitário propicia a experimentação de substâncias psicoativas e os sujeitos que se relacionam com um maior número de amigos que consomem drogas, apresentam maior probabilidade de uso de álcool ou tabaco.

Acrescenta-se ainda que embora o álcool não seja considerado como droga o consumo abusivo dessa substância psicoativa está associado a consequências negativas para a saúde, além de ser responsável pela maior causa de morte entre os jovens (MALTA, 2011).

Percebe-se também que o álcool é visto, pela maioria das participantes, como uma fuga da realidade capaz de induzir à felicidade.

[...] O álcool, ele é bom para me deixar feliz me deixar alegre (E1 Jeane).

[...] As pessoas usam para tentar se divertir, sempre tem alguma desculpa para usar, ou porque está feliz e tem que se divertir, ou porque quer divertir ou que eu estou triste e preciso ficar feliz (E1 Flávia).

Acredito que essa busca pela felicidade seja um dos requisitos para viver na sociedade contemporânea, marcada pela cultura midiática que tem por filosofia a busca da beleza, da aparência e da felicidade a todo custo (BAUMAN, 2007). Consumir tudo aquilo que elimina a dor e traga a felicidade é o lema, mesmo que seja à custa do uso e abuso de drogas. Ademais, as mulheres relatam o uso de substâncias lícitas ou ilícitas para lidar com os seus problemas (MORRONGIELLO, DAWBER, 2000).

Chamou minha atenção o fato de as participantes quase não se referirem a namoros. No entanto, durante as festas, sob o efeito de álcool e/ou outras drogas pude apreender que

elas “ficam” com diversos rapazes. Percebi um certo desencanto pelo amor, pelo namoro, pela vida a dois. Acredito que seja reflexo da cultura contemporânea marcada pelos relacionamentos rápidos e fugazes (BAUMAN, 2007).

Observei ainda durante as festas o comportamento das mulheres em relação aos homens. Quem se aproximava deles eram as mulheres, que muitas vezes, se encontravam completamente embriagadas. Muitas chegavam, beijavam e saíam. Agiam como os homens geralmente agem. O consumo de álcool era tão intenso que duas garotas foram levadas pelo SAMU por estarem passando mal. O tabaco e a maconha também eram drogas bastante consumidas. O pessoal fumava tanto que era impossível se livrar da fumaça (Observação Participante, 22-05-2015).

Nessa busca pela felicidade o álcool é usado para a sociabilidade:

[...] Você conhece uma turma, sai para as festinhas e aí você começa experimentar, fica alegrinha assim, vai gostando e aí toda festa que você vai você quer beber (E1 Barbara).

[...] Quando entrei na faculdade todo mundo já bebia e quando eu ia às festas eu ficava meio deslocada e eu acho que é muito ruim você sair com uma pessoa que bebe muito e você não bebe, você fica totalmente deslocada e aí é chato, fica sem paciência, então eu entrei no clima (E1 Camila).

[...] É porque geralmente você vai a festas, aí todo mundo bebe, aí é meio pra você socializar com as outras pessoas, né! Que você começa a beber junto com elas (E1 Larissa).

[...] Olha eu não sei, o que eu sei é que eu comecei a usar por pressão, tipo ver todo mundo bebendo, te oferecendo, aí acabei tomando gosto (E1 Jeane).

O álcool é uma importante substância precursora do processo de desinibição e interação entre as universitárias. Essa foi uma das evidências de estudo Fachini e Furtado (2013), cujo objetivo foi avaliar às diferenças de gênero sobre as expectativas do uso do álcool. As expectativas sobre o uso do álcool entre homens e mulheres podem influenciá-los de maneira distinta. Entre as mulheres, por exemplo, a expectativa positiva em relação ao uso do álcool refere-se à facilitação social.

Juliana contou-me que já consumia bebidas alcoólicas antes de ingressar na universidade, pois no ensino médio consumia batidinhas e uma cervejinha de leve. Após o ingresso na universidade, passou a aumentar o consumo, tendo preferência por bebidas destiladas. Segundo ela, nas festas, todo mundo bebe, nem que seja pouco (Diário de Campo, 22-05-2015).

Como observado, o processo de socialização secundária pode levar essas jovens à adesão ao consumo de álcool e outras drogas. Essa socialização abrange dimensões de uma personalidade já projetada e de um mundo já interiorizado. Consiste então em introduzir o sujeito já socializado em novos grupos sociais que não correspondem, ou se contrapõem, ao mundo interiorizado a partir das ações socializadoras do pai, da mãe e dos irmãos. Nesse processo, os sujeitos se deparam com novas exigências e expectativas das quais buscam lidar e corresponder (SILVA, 2015).

Acrescenta-se ainda que nos espaços de convivência da universidade é comum grande quantidade de cartazes de propaganda de festas universitárias, que além da festa propriamente anunciada, conteúdos relativos ao consumo exacerbado de álcool estão presentes neles, o que propicia sua aceitação e apologia, e contribui para a publicidade indireta. A tendência é a aceitação do consumo abusivo de álcool como certo e natural, negligenciando os possíveis danos advindos dele (MUSSE, 2008; BAUMGARTEN; GOMES; FONSECA, 2012).

[...] Beber é normal, tranquilo não é uma coisa que eu ache fora do padrão (E1 Liz).

Baumgarten, Gomes e Fonseca (2012) ao realizarem um estudo cujo objetivo era conhecer os fatores que se associam ao uso e abuso de álcool entre acadêmicos e relacionar esse uso e abuso com as consequências desse hábito constataram a ocorrência de apagões e tonturas, quedas e coma alcoólico e finalmente, acidentes automobilísticos como consequências físicas e sociais do consumo abusivo de bebidas alcoólicas.

[...] Eu já bebi muito, eu já passei mal, fui embora inconsciente levada por amigos, já subi no palco (E1 Érica).

[...] Teve uma vez que eu bebi muito em casa e acabei indo numa festa e bebi vodca pura e eu não lembro nada da festa e todo mundo me contou depois (E1 Carla).

[...] Eu já cheguei a parar no hospital (risos) porque eu bebi muito, deu uma perda total digamos assim, meio que desmaiei na festa e acordei no hospital com meus amigos me esperando na portaria... risos (E2 Liz).

[...] Antes eu bebia dose, misturava tudo e passava mal. Vomitei, nunca fiquei inconsciente total, mas já dei uns bafão (risos). Já fui parar no hospital por bebida, tomei soro (E2 Fernanda).

A ocorrência de situações como as citadas nos depoimentos acima reafirma o que foi identificado no I Levantamento nacional sobre os padrões de consumo do álcool na população brasileira realizado em 2007, no qual o episódio de beber pesado ou *binger drinking*,

caracterizado com um comportamento de beber intenso em um curto espaço de tempo, predispõe os sujeitos a uma série de problemas sociais e de saúde (LARANJEIRA et al, 2007).

Dauber, Paulson e Leiferman (2011) salientam que o consumo de bebidas alcoólicas sofre influência do grupo sociocultural ao qual as pessoas pertencem. Sendo assim, é comum o registro de comportamentos diferentes entre grupos culturalmente distintos. Ou seja, o comportamento desempenhado entre as universitárias, em relação ao consumo do álcool, é parte da cultura universitária.

Ainda em relação ao consumo do álcool é essencial destacar as características positivas que tal substância remete a essas jovens. Eckschmidt, Andrade e Oliveira (2013), destacam que o ingresso na universidade é marcado pelo aumento nas oportunidades de interação entre os sujeitos. Assim sendo, o ingressante passa a ter uma idéia equivocada do uso do álcool, encontrando nele a facilidade de aproximação de parceiros sexuais, a busca por uma identidade ou status em um grupo, suporte e cumplicidade dos pares, tentando parecer descontraído e até mesmo curioso para experimentar estados distintos de comportamento provocados por essa e outras substâncias.

[...] Ah! Depois da bebida eu já beijei alguém que eu falava que nunca na minha vida eu faria isso. Eu cantei, já vomitei (E2 Ana)

[...] Ah! vou beber, tipo assim, quero beber pra ficar louca, quero perder minha dignidade na festa, quero ter vergonha de almoçar no RU (restaurante universitário) no outro dia, quero dançar e dançar na festa até não conseguir mexer a perna, se tiver alguém eu beijo (E1 Marcela).

[...] quando eu bebia muito eu dançava muito, mexia com o povo, subia no palco (risos) (E1 Simone).

Geertz (2014) afirma que o comportamento é uma ação simbólica e o fluxo do comportamento permite que as formas culturais se articulem, sendo assim o significado emerge do papel que esses desempenham.

Todo esse aparato de consumo acentuado de bebidas alcoólicas traz consigo inúmeras consequências, dentre as quais se encontram os problemas acadêmicos.

De acordo com os resultados do estudo de Pereira et al (2013), cujo objetivo foi identificar o número de universitários que fazem uso de álcool e outras drogas e quais as interferências na vida acadêmica, apesar de um percentual significativo de alunos que costumavam à faltar as aulas em decorrência do uso de bebidas, grande parte não admite, muito menos se conscientiza que tal uso prejudica seu desempenho acadêmico.

Os depoimentos a seguir reforçam o que foi evidenciado nesse estudo:

[...] Já fui para a faculdade de ressaca, mas não tenho dependência por causa disso (E1 Michele).

[...] Nunca perdi prova, aula sim, mas não acredito ter pegado dependência só pelo uso, mas pode ter atrapalhado sim (E1 Érica).

[...] Não deixo de ir aula e nunca perdi prova, mas já fui à aula meio zozza (E1 Carla).

[...] Prejudica, com certeza, ainda mais quando tem atividades no sábado (E1 Luiza).

[...] Já teve dias que fui assistir aula morta de ressaca. Já perdi aula ... (E1 Laura).

Ainda que as participantes deste estudo não reconheçam, o uso de bebidas alcoólicas pode prejudicar as atividades acadêmicas (NÓBREGA et al, 2012; ZEFERINO et al, 2015). Acredita-se que a dificuldade em perceber os prejuízos com o consumo de álcool esteja relacionada ao fato desse ser considerado importante na redução das tensões acadêmicas, pois “relaxa e desestressa”. Dez participantes relataram dependência em pelo menos uma disciplina do curso. É importante reiterar que a universidade traz consigo inúmeros fatores estressores como o aumento da responsabilidade, a ansiedade, a competitividade, tarefas acadêmicas sobrecarregando essas jovens, não sendo possível afirmar que a causa das dependências seja exclusivamente pelo uso de álcool.

Apesar de estudos afirmarem que o hábito de beber tende a se alterar ao longo tempo, demonstrando que jovens classificados como baixo risco podem passar a beber problemático (ECKSCHMIDT; ANDRADE; OLIVEIRA, 2013; PILLON et al, 2011), os depoimentos abaixo revelaram uma redução do consumo dessas substâncias no decorrer dos anos de faculdade.

[...] Estou formando esse ano. A gente já está mais madura, a gente não quer ficar louca. Igual o povo que está no comecinho da faculdade. A gente bebe mais tranquilo, bebe pra curtir mesmo, mas não pra ficar fazendo farra (E2 Camila).

[...] Nos primeiros anos de faculdade eu bebia muito, que foi o período que eu era bixete e depois quando eu fui veterana, aí depois no terceiro ano eu dei uma parada (E1 Liz).

[...] No primeiro ano eu bebia bastante, na verdade era mais durante a semana que final de semana (E1 Simone).

[...] Tinha sempre muita gente, muita bebida, muita animação, era direto, isso no começo né? No primeiro ano (E1 Flávia).

Apreende-se que nos primeiros anos de faculdade, o uso de bebidas alcoólicas se intensifica devido à necessidade de interação e aceitação pelos pares. Com o passar do tempo, o aumento das responsabilidades e a cobrança em relação ao futuro profissional faz com que essas jovens reduzam significativamente o consumo dessas substâncias.

No estudo de Freitas et al (2015) foi observado, que se tratando de problemas acadêmicos, há uma correlação do número de faltas com o consumo de álcool, as quais se iniciaram no terceiro período com uma variação de 4 a 8 faltas e no quinto período com 1 a 3 faltas. Esses dados corroboram com a diminuição do consumo dessas substâncias pelos acadêmicos no decorrer da vida universitária, assim como citados nos depoimentos acima.

Assim como o significado do uso do álcool e outras drogas foi se alterando no decorrer dos tempos, o significado do consumo de tais substâncias no transcorrer da graduação também se modifica. Essa transformação ocorre sob a apropriação de elementos culturais de um grupo social por outro mediante o processo de ressignificação. Ou seja, o significado do uso dessas substâncias apreendido no ingresso na universidade pode se alterar no decorrer dos anos de academia. A cultura é dinâmica, e tal fato possibilita a modificação de comportamentos que vão se alterando na medida em que ocorre a interação com os diferentes, sendo assim, o mesmo significante – droga - acaba tendo diferentes significados (GEERTZ, 2014).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao interpretar os significados atribuídos pelas universitárias à experiência do uso de álcool e/ou outras drogas surgiram dois temas: “O simbolismo da droga” e “O simbolismo da não droga”.

No primeiro tema observa-se que para as universitárias, droga é uma substância que pode levar a pessoa ao vício e prejudicar a sua saúde, sendo assim, o álcool, o tabaco e os inalantes, são citados por elas, como não drogas. Elas fazem uma distinção entre “droga forte” e “droga fraca” até então não evidenciados em outros estudos. Segundo as universitárias, “droga forte” é aquela que induz a dependência, a perda de controle, trazendo prejuízos físicos e emocionais irreparáveis. Nos depoimentos, a cocaína e o doce (LSD) são intitulados como fortes, sendo que, seu consumo mais sutil, pode levar ao vício.

No que se refere a “droga fraca”, seu significado encontra-se arraigado à permissividade de consumo, a capacidade de alteração do comportamento, a possibilidade de não dependência e o uso esporádico em atividades recreacionais. Para algumas participantes a maconha é uma droga fraca e para outras nem é considerada droga. Assim, parece que quanto mais permissivo no meio sociocultural, maior a chance dessas substâncias não serem classificadas como drogas.

No segundo tema, o álcool foi à substância mais consumida pelas estudantes. O desligamento da estrutura familiar e entrada na academia vão ao encontro da conquista da liberdade e autonomia, condições tão almejadas por essas jovens. O álcool é uma substância psicoativa importante na redução das tensões e na socialização.

Quanto ao uso dessas substâncias ao longo da academia, neste estudo houve uma significativa redução, tendo em vista o aumento das responsabilidades e a cobrança em relação ao futuro profissional.

Foi possível apreender o processo de ressignificação do álcool e de outras drogas, quando as universitárias se referem a uma fase de amadurecimento, na qual as substâncias psicoativas perdem a importância diante do futuro que as esperam. Assim, reitero que o consumo das substâncias psicoativas pelas universitárias está relacionado às teias construídas no meio sociocultural de cada uma.

Desenvolver este estudo foi para mim, um grande desafio, pois precisei estabelecer relações com pessoas de um grupo social diferente do meu. Ainda assim, esse estudo possibilitou-me aproximar de um lado da história que pouco tive acesso, verificando que o

excesso quanto ao consumo de bebidas alcoólicas e outras drogas encontram-se, muitas vezes, vinculados a um vazio existencial, a fragilidade das relações familiares e a necessidade de interação e aceitação pelos pares.

Os encontros com as universitárias, as idas a cada festa, a análise de cada entrevista, as anotações do diário de campo me fizeram compreender o quão frágil é ser humano e o quanto se sente cada dia mais sozinho mesmo em meio à multidão, sendo preciso recorrer ao álcool ou qualquer outra droga para uns míseros instantes de felicidade. Se outrora, o significado do uso das drogas encontrava-se associado às festividades e aos rituais místicos/religiosos, hoje, mesmo ainda apresentando essas características, seu significado é muito mais profundo e singular do que pensamos.

Como enfermeira e docente, o desenvolvimento deste estudo levou-me a refletir sobre a importância do meu papel no acolhimento, apoio e encaminhamentos dessas estudantes.

Durante a realização da revisão de literatura, percebi a escassez de estudos que abordem o papel do enfermeiro perante o cenário de consumo de substâncias lícitas e ilícitas no ambiente universitário.

Muito embora para o senso comum o ingresso no ensino superior esteja relacionado ao crescimento profissional, existe um outro lado que as instituições de ensino não podem negligenciar. Compete à universidade a educação não apenas para a autonomia profissional, mas também o respeito pelas escolhas e o acolhimento, a escuta e os encaminhamentos necessários.

Observa-se o uso cada vez mais excessivo dessas substâncias entre os jovens universitários, sendo necessário que a universidade cumpra seu papel, criando políticas efetivas para o enfrentamento das questões referentes ao uso de álcool e outras drogas, visando ações de prevenção e tratamento, contemplando os sujeitos de acordo com suas particularidades e o respeito à autonomia.

Considero que este estudo teve como limitações o tempo para a conclusão do meu mestrado, pois entendo que a cada encontro com as participantes é possível apreender melhor os sentidos atribuídos por elas à experiência do uso de álcool e outras drogas.

REFERÊNCIAS

ALAVARSE, G. M. A.; CARVALHO, M. D. B. Álcool e adolescência: o perfil de consumidores de um município do norte do Paraná. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, v. 10, n. 3, p. 408-16, dez 2006.

ARMENDÁRIZ GARCÍA, N. A. et al. Eventos estresantes y su relación con el consumo de alcohol en estudiantes universitarios. **Investigación en Enfermería: Imagen y Desarrollo**, v. 14, n. 2, p. 97-112, 2013.

BALLANTINE, J. H.; ROBERTS, K. A. **Our social world: introduction to sociology**. Thousand Oaks (US): Sage Publications Inc; 2014.

BALHARA, Y.P.; VERMA, R.; DESHPANDE, S.N. A comparative study of treatment-seeking inhalant abusers across two cohorts from a tertiary care center in India. **Indian J Psychol Med**, v. 33, n. 2, p. 129-33, 2011.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMGARTEN, L. Z.; GOMES, V. L. O.; FONSECA, A. D. Consumo alcoólico entre universitários (as) da área da saúde da Universidade Federal do Rio Grande/RS: subsídios para enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, v. 16, n. 3, p. 530-5, 2012.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2001.

BOTTI, N. C. L.; LIMA, A. F. D.; SIMÕES, W. M. B. Uso de substâncias psicoativas entre acadêmicos de enfermagem da Universidade Católica de Minas Gerais. **SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012**. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 03 ago 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. SVS/CN-DST/AIDS. **A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas/Ministério da Saúde**. 2.ed. rev. ampl.– Brasília:Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. **Política Nacional sobre Drogas**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Nacional Antidrogas, 2005.

CARRARO, T. E.; RASSOOL, G. H.; LUIS, M. A. V. A formação do enfermeiro e o fenômeno das drogas no Sul do Brasil: atitudes e crenças dos estudantes de enfermagem sobre o cuidado. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 13, n. spe2, p. 863-871, set./out. 2005.

CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGA - CEBRID. - II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas. Brasília, 2005.

COUTINHO, M. P. L.; ARAÚJO, L. F.; GONTIÈS, B. Uso da maconha e suas representações sociais: estudo comparativo entre universitários. **Psicologia em estudo**, v. 9, n. 3, p. 469-477, 2004.

DAUBER, S. F.; PAULSON, J. F.; LEIFERMAN, J. A. Race-specific transition patterns among alcohol use classes in adolescent girls. **I Adolesc**, n. 34, p. 407-20, 2011.

DE FREITAS, M. A. et al. Perfil dos estudantes de uma instituição de ensino superior quanto ao uso de álcool e outras drogas. **Revista Ciência Plural**, v. 1, n. 2, p. 29-36, 2015.

DOS SANTOS, M. V. F.; PEREIRA, D. S.; DE SIQUEIRA, M. L. Uso de álcool e tabaco entre estudantes de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. **J Bras Psiquiatr**, v. 62, n. 1, p. 22-30, 2013.

ECKSCHMIDT, F. et al. Comparação do uso de drogas entre universitários brasileiros, norte-americanos e jovens da população geral brasileira. **J Bras Psiquiatr**, v. 62, n. 3, p. 199-207, 2013.

QeC-ERAN. National Action Plan on Social Inclusion. 2005. Acesso em: 10 dez 2015. Disponível em: http://www.ludenet.org/archives/qeceran/projects/lapsraps_index.htm

FACHINI, A.; FURTADO, E. F.. Uso de álcool e expectativas do beber entre universitários: uma análise das diferenças entre os sexos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, n. 4, p. 196-223, out./dez. 2013.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3.ed. Curitiba (PR): Positivo; 2004.

FERRO, L. R. M.; MENESES-GAYA, C. Resiliência como fator protetor no consumo de drogas entre universitários. **Saúde e Pesquisa**, v. 8, Edição Especial, p. 139-149, 2015.

FIGLIE, N. et al. Filhos de dependentes químicos com fatores de risco bio-psicossociais: necessitam de um olhar especial? **Rev. Psiq. Clín.** v. 31, n. 2, p. 53-62, 2004.

FIGLIORE, M. O lugar do Estado na questão das drogas: o paradigma proibicionista e as alternativas. **Novos Estudos-CEBRAP**, n. 92, p. 9-21, 2012.

FREITAS, R. L. M. et al. Perfil da utilização de drogas lícitas e ilícitas por universitários de uma instituição privada. **SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**, v. 8, n. 3, p. 118-126, set./dez. 2012.

GEERTZ, G. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

HENRIQUÉZ, P. C.; DE CARVALHO, A. M. P. Percepção dos benefícios do consumo de drogas e das barreiras para seu abandono entre estudantes da área da saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 16, n. spe, p. 621-626, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISA SOBRE ÁLCOOL E DROGAS - INPAD. - II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD). Brasília, 2012.

LABATE, B. C.; GOULART; S. L., FIORE, M.; MACRAE, E.; CARNEIRO, H. **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador : EDUFBA, 2008. 440 p.

LARAIA R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro(RJ): J. Zahar; 2006.

LARANJEIRA, R.R.; ZALESKI, M.; CAETANO, R.I. **I Levantamento Nacional sobre Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira**. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2007.

LOPES, G. T.; PESSANHA, H. L. Concepções de professores de enfermagem sobre drogas. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, v. 12, n. 3, p. 465-72, 2008.

LOPES, G. T.; LUIS, M. A. V. A formação do enfermeiro e o fenômeno das drogas no estado do Rio de Janeiro – Brasil: atitudes e crenças. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 13, n. spe2, p. 872-879, set./out. 2005.

MALTA, D. C. et al. Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. **Rev Bras Epidemiol**, v.14, (Supl. 1), p.136-46, Setp. 2011.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7.ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MERCADO-MARTINEZ, F. J.; BOSI, M. L. M. Introdução: notas para um debate. In: BOSI, M. L. M.; MERCADO-MARTINEZ, F. J. (Org.) **Pesquisa qualitativa de serviços de saúde**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 23-71.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**, 13 ed., São Paulo: Hucitec, 2013.

MORERA, J. A. C. et al. The role of family relations, spirituality and entertainment in moderating peer influence and drug use among students of eight universities from five countries in Latin America and three from the Caribbean. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 24, n. SPE, p. 106-116, 2015.

MORRONGIELLO, B.A.; DAWBER, T. Mothers' responses to sons and daughters engaging in injury-risk behaviors on a playground: Implications for sex differences in injury rates. **J Exp Child Psychol.**; v. 76, n. 2, p. 89-103. Jun , 2000.

MUSSE, A. B. Apologia ao uso e abuso de álcool entre universitários: uma análise de cartazes de propaganda de festas universitárias. **SMAD, Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Droga**, v. 4, n. 1, 10p, jan-jun 2008.

NEVES, A.C.L.; MIASSO, A.I. “Uma força que atrai”: o significado das drogas para usuários de uma ilha em Cabo Verde. **Rev Latino-Am. Enfermagem**, v. 18, (especial), p. 589-97, 2010.

NÓBREGA, M. P. S. S. et al. Policonsumo simultâneo de drogas entre estudantes de graduação da área de ciências da saúde de uma universidade: implicações de gênero, sociais e legais, Santo André–Brasil. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 21, p. 25-33, 2012.

OBSERVATÓRIO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS - OBID.
 Informações sobre drogas: Definição e Histórico. Disponível em:
http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/conteudo/index.php?id_conteudo=11250&rastror=INFORMA%C3%87%C3%95ES+SOBRE+DROGAS/Defini%C3%A7%C3%A3o+e+hist%C3%B3rico. Acesso em: 27 Ago 2014.

OLIVEIRA, E. B. et al. Normas percebidas por estudantes universitários sobre o uso de álcool pelos pares. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 17, (Esp.), p. 878-85, novembro-dezembro, 2009.

ORTEGA-PÉREZ, C. A. R; COSTA-JÚNIOR, M. L.; VASTERS, G. P. Perfil epidemiológico de la drogadicción en estudiantes universitarios. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 19, p. 665-672, maio/jun. 2011.

PACHANE, G. A. A experiência universitária e sua contribuição ao desenvolvimento pessoal do aluno. Em E. Mercuri & S. A. J. Polydoro (Orgs.), **Estudante universitário: características e experiências de formação** (pp. 155-186). Taubaté: Cabral. 2003.

PASCARELLA, E. T.; TERENCEZINI, E. T. **How college affects students: A third decade of research**. San Francisco: Jossey-Bass. . 2005. v. 2.

PEREIRA, M. O. et al. O consumo de álcool e outras drogas entre estudantes universitários: interferências na vida acadêmica. **SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**, v. 9, n. 3, p. 105-110, set./dez. 2013.

PEREIRA, M. O.; VARGAS, D.; OLIVEIRA, M. A. F. Reflexão acerca da política do ministério da saúde brasileiro para a atenção aos usuários de álcool e outras drogas sob a óptica da Sociologia das ausências e das emergências. **SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**, v. 8, n. 1, p. 9-16, 2012.

PEUKER, A. C.; FOGAÇA, J. B.; BIZARRO, L. Expectativas de beber problemático entre universitários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p.193-200, 2006.

PICOLOTTO, E. et al. Prevalência e fatores associados com o consumo de substâncias psicoativas por acadêmicos de enfermagem da Universidade de Passo Fundo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 3, p. 645-654, 2010.

PILLON, S. C.; O'BRIEN, B.; CHAVEZ, K. A. P. A relação entre o uso de drogas e comportamentos de risco entre universitários brasileiros. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 13, n. spe2, p. 1169-1176, set./out. 2005.

PILLON, S. C. et al. Fatores de risco, níveis de espiritualidade e uso de álcool em estudantes de dois cursos de enfermagem. **SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**, v. 6, n. SPE, p. 493-513, Nov. 2010.

PILLON, S. C. et al. Uso de álcool e espiritualidade entre estudantes de enfermagem. **Rev Esc Enfem USP**, v. 45, n. 1, p. 100-7, 2011.

RYAN, C. et al. Family acceptance in adolescence and the health of LGBT young adults. **J Child Adolesc Psychiatr Nurs.** v. 23, n. 4, p. 205-13. Nov 2010.

ROEHRS, H.; LENARDT, M.H.; MAFTUM, M.A. Práticas culturais familiares e o uso de drogas psicoativas pelos adolescentes: uma reflexão. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, v.12, n.2, p.353-7, 2008.

SANTOS J. A. T.; OLIVEIRA, M. L. F. Políticas públicas sobre álcool e outras drogas: breve resgate histórico. **Saud &Transf Soc.**; v. 4, n. 1, p. 82-89. 2013.

SECRETARIA NACIONAL ANTIDROGAS - SENAD.– I Levantamento Nacional sobre os padrões de consumo de álcool na população brasileira. Brasília, 2007.

SECRETARIA NACIONAL ANTIDROGAS - SENAD - I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários, realizado nas 27 capitais brasileiras. Brasília, 2010.

SILVA, E. F. et al. Prevalência do uso de drogas entre escolares do ensino médio do Município de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 6, p. 1151-1158. 2006.

SILVA, R. A eficácia sociopedagógica da pena de privação da liberdade. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 33-48, jan./mar. 2015.

UNODC. **World Drug Report 2014**. United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC). Viena, Jun. 2014.

VAGHETTI, H. H.; PADILHA, M. I. C. S.; MAIA, A. R. C. O Referencial teórico-metodológico de Geertz como uma possibilidade para o estudo da cultura das organizações hospitalares. **Cuad. Adm. Bogotá** (Colombia), v.19, n.32, p. 179-194, julio-diciembre de 2006.

VAN DAMME, J. et al. Social motives for drinking in students should not be neglected in efforts to decrease problematic drinking. **Health Educ Res.**v. 28, n. 4, p. 640-50. 2013.

ZALAF, M. R. R.; FONSECA, R. M. G. S. Uso problemático de álcool e outras drogas em moradia estudantil: conhecer para enfrentar. **Rev Esc Enferm USP**, v. 43, n. 1, p. 132-8, 2009.

ZEFERINO, M. T. et al. Consumo de drogas entre estudantes universitários: família, espiritualidade e entretenimento moderado entre os pares. **Texto Contexto Enfermagem: Florianópolis**, v. 24, especial, p. 125-35, 2015.

WAGNER, G. A.; ANDRADE, A. G. Uso de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes universitários brasileiros: [revisão]. **Rev. psiquiatr. clín.**, v. 35, n. supl. 1, p. 48-54, 2008.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Alfenas. Unifal-MG
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
 Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas/MG – CEP 37130-000



APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

TÍTULO DA PESQUISA: “Significado do uso de álcool e/ ou drogas entre universitárias
 Pesquisadora: Jamila Souza Gonçalves (COREN-MG 378874)
 Pesquisadora responsável: Eliza Maria Rezende Dázio (COREN-MG 40514; Nº SIAPE: 2.150.163)

Você está sendo convidado para participar de uma pesquisa que busca identificar quais e como os aspectos da sua cultura estão relacionados com o uso de álcool e/ ou drogas entre universitárias. Esta pesquisa será realizada na Universidade Federal de Alfenas – Sede, por mim, Jamila Souza Gonçalves sob orientação da Profa. Dra. Eliza Maria Rezende Dázio, enfermeira e professora desta universidade.

Este projeto tem a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da UNIFAL-MG e foi elaborado de acordo com a Resolução Nº 466, do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa em seres humanos.

É importante que você saiba que a sua participação na pesquisa não lhe acarretará custos de espécie alguma. A entrevista e as observações ocorrerão na universidade ou em seu domicílio (você poderá escolher o local). Você não será remunerado pela participação e terá toda liberdade em participar ou não da pesquisa, podendo desistir a qualquer momento, sem nenhum prejuízo para você. Serão assegurados o sigilo e o anonimato, uma vez que você não será identificado em momento algum da pesquisa. Caso não se sinta em condições físicas ou psicológicas durante algum contato com a pesquisadora, isso será respeitado e marcado outro encontro.

Você poderá sentir algum desconforto, emoções (tristeza, chorar) durante as nossas conversas, ao se lembrar de momentos marcantes de sua vida. Nesse caso, poderemos interromper a conversa sempre que você desejar e comprometo-me a ficar do seu lado apoiando-o e, se necessário encaminhá-lo para a assistência psicológica da UNIFAL-MG, sem custos financeiros e por tempo necessário.

Solicito a sua colaboração no sentido de responder às minhas perguntas e permitir que a nossa conversa seja gravada. O gravador permite que eu não perca nada do que você vai falar. Depois da nossa entrevista, o que foi conversado será escrito e disponibilizado para sua avaliação. Você também será observado quanto ao seu estado geral, aparência física, tom de voz e relação com outras pessoas. Esses dados serão registrados em um caderno.

Os dados coletados serão analisados, publicados e apresentados em eventos científicos.

Esse estudo terá como benefício identificar quais e como os aspectos da sua cultura estão relacionados com o uso de álcool e/ ou drogas entre universitárias. Este é um aspecto importante a ser considerado para melhorar a atenção à saúde das universitárias.

Sua participação será muito importante para este estudo. Você receberá uma via assinada deste documento.

Qualquer dúvida que você tiver ou qualquer informação que quiser, poderá entrar em contato conosco pelos telefones: (35) 3299- 1380; e-mail: jamila_sg@yahoo.com.br; elizadazio@yahoo.com.br. No endereço é: Rua Gabriel Monteiro da Silva, nº 700 – Alfenas – MG CEP 37 130000.

Agradecemos a sua colaboração em participar desta pesquisa.

Atenciosamente,

Jamila Souza Gonçalves

Eliza Maria Rezende Dázio

Após ter lido e compreendido as informações acima, concordo em participar desta pesquisa e autorizo a utilização dos dados para o presente estudo, que poderá ser publicado e utilizado em eventos científicos. Declaro que recebi uma via impressa desse documento.

Alfenas, ____ de _____ de 20__.

 Participante



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Alfenas. Unifal-MG
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
 Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas/MG – CEP 37130-000



APÊNDICE B – Formulário para coleta dos dados

TÍTULO DA PESQUISA: “Significado do uso de álcool e/ ou drogas entre universitárias”.

Pesquisadora: Jamila Souza Gonçalves

Pesquisadora (orientadora): Eliza Maria Rezende Dázio

Entrevista número: _____

Iniciais do nome do participante da pesquisa: _____

Endereço: _____

Idade: _____ Cor: _____ Religião: _____

Período: _____ Curso: _____

Dependências em disciplinas: () sim () não

Fonte de renda: () Depende de pais ou familiares () Não depende de pais ou familiares () bolsista

Renda familiar: _____ Renda pessoal: _____

Exerce atividade remunerada? () sim () não. Se sim, qual? _____

Opção Sexual: () Heterossexual () Homossexual () Bissexual

Local de nascimento: _____

Local em que reside atualmente: _____

Filhos: () sim quantos? _____ () não

Estado Marital: () solteiro () casado () viúvo () separado () vive com companheira(o)
 Tempo de união: _____

Já frequentou universidade antes? () sim () não

Mora em/com: () Família () República () Pensionato () outro

QUESTÕES FACILITADORAS PARA A ENTREVISTA

1- Como era a sua vida antes de seu ingresso na universidade?

2- Fale como é para você ser universitária e fazer uso de bebida alcoólica e/ ou dro



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Alfenas. Unifal-MG
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Programa de Pós-Graduação em Enfermagem
 Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700. Alfenas/MG – CEP 37130-000



APÊNDICE C – Ofício para a Pró-Reitora de Graduação

Alfenas, 25 de setembro de 2014.

A Sua Senhoria a Senhora
 Profa. Dra. Lana Ermelinda da Silva dos Santos
 Pró-Reitora de Graduação
 Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG

Prezada Senhora,

Solicitamos a autorização desta Pró-Reitoria para o desenvolvimento de uma parte do Projeto intitulado “Atenção à Saúde do estudante universitário: uma proposta interdisciplinar de uma instituição pública do sul do Estado de Minas Gerais” junto aos acadêmicos dos cursos de graduação, na modalidade presencial, desta universidade na Sede – Alfenas, em 2014 e 2015, com os seguintes objetivos:

- ✓ Verificar a prevalência do uso de álcool e/ou outras drogas entre os estudantes universitários por meio do teste de identificação do uso de substâncias psicoativas, assim como estimativas de padrões de consumo sugestivos de uso nocivo ou dependência;
- ✓ Interpretar os significados que os acadêmicos atribuem à condição de serem usuários de álcool e outras drogas ilícitas com base no pressuposto sócio antropológico de masculinidade;
- ✓ Interpretar os significados que as acadêmicas atribuem à condição de serem usuárias de álcool e outras drogas ilícitas;
- ✓ Criar estratégias de ensino-aprendizagem para a promoção de hábitos saudáveis de vida e de prevenção contra o abuso de álcool e ou outras drogas no ambiente acadêmico, com apoio de tecnologias de informação.

Esclarecemos que estamos envolvidos no desenvolvimento do Projeto Casadinho que atendeu a chamada do Edital MCTI/CNPq/MEC/Capes - Ação Transversal nº 06/2011 Casadinho/ Procad e permitirá a formação de relações interinstitucionais entre os discentes de

graduação e de pós-graduação e a formação de pós-doutores junto à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Este projeto resultará em uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas e na formação de 3 pós-doutores.

Convidaremos para participar do estudo universitários matriculados em 2014 e 2015, nos cursos de graduação, na modalidade presencial, desta universidade, na Sede – Alfenas, maiores de 18 anos, que aceitem voluntariamente participar do estudo e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Cada projeto apresenta as suas peculiaridades em relação ao gênero dos participantes.

A coleta de dados se dará na própria universidade ou nas residências dos participantes, por meio de formulários, entrevistas, observação participante e diário de campo.

Caso seja autorizado, a coleta de dados terá início após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa – CEP da UNIFAL-MG e terminará quando o material obtido permitir o alcance dos objetivos propostos.

Agradecemos a atenção dispensada ao nosso pedido.

Prof. Dr. Denis da Silva Moreira

Prof. Adjunto da Escola de Enfermagem da UNIFAL-MG
Pesquisadora

Profa. Dra. Eliza Maria Rezende Dázio

Profa. Adjunto da Escola de Enfermagem da UNIFAL-MG
Pesquisadora

Profa. Dra. Zélia Marilda Rodrigues Resck

Profa. Associada da Escola de Enfermagem da UNIFAL-MG
Pesquisadora



ANEXO

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALFENAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Atenção à saúde do estudante universitário: Interface entre o uso de álcool e outras drogas

Pesquisador: Denis da Silva Moreira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 36992214.2.0000.5142

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - UNIFAL-MG

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA EDUCACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 822.626

Data da Relatoria: 11/11/2014

Apresentação do Projeto:

Atenção à saúde do estudante universitário: Interface entre o uso de álcool e outras drogas

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Conhecer o contexto do uso de álcool e outras drogas entre universitários de uma instituição pública de ensino do sul do Estado de Minas Gerais e apresentar uma proposta de intervenção.

Objetivo Secundário:

- Verificar a prevalência do uso de álcool e/ou outras drogas entre os estudantes universitários por meio do teste de identificação do uso de substâncias psicoativas, assim como estimativas de padrões de consumo sugestivos de uso nocivo ou dependência; - Interpretar os significados que os universitários atribuem a condição de serem usuários de álcool e/ou outras drogas;

- Interpretar os significados que as universitárias atribuem a condição de serem usuárias de álcool e/ou outras drogas;

- Elaborar estratégias para a promoção de hábitos saudáveis de vida e de prevenção contra o abuso de álcool e/ou outras drogas no ambiente acadêmico com base no Modelo de Habilidades de Vida, proposto pela OMS.

Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700
Bairro: centro CEP: 37.130-000
UF: MG Município: ALFENAS
Telefone: (35)3209-1318 Fax: (35)3209-1318 E-mail: comite.etica@unifal-mg.edu.br

Continuação do Parecer: 822/826

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Bem apresentada.

- Riscos: mínimos (ao responder os questionários e/ou participar das entrevistas poderão sentir emoções ao se lembrarem de algum momento marcante na vida). Os autores descrevem a conduta, caso o desconforto aconteça.
- Benefícios: ao verificar a prevalência do uso de álcool e outras drogas entre os universitários haverá oportunidade de propor ações estratégicas para minimizar tais hábitos, além de fortalecer as competências psicossociais dos universitários para o enfrentamento de situações adversas durante a vida acadêmica.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Proposta com delineamento quali-quantitativo, por meio da triangulação de métodos. Projeto muito bem escrito, com clara relevância epidemiológica, social e científica. Como produtos espera-se uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF) da Universidade Federal de Alfenas UNIFAL-MG e a formação de 3 pós-doutores.

- O Prof. Dr. Denis da Silva Moreira desenvolverá um estudo quantitativo para verificar a prevalência do uso de álcool e/ou outras drogas entre os estudantes universitários por meio do teste de identificação do uso de substâncias psicoativas, assim como estimativas de padrões de consumo sugestivos de uso nocivo ou dependência.
- A Profa. Dra. Elza Maria Rezende Dazio desenvolverá dois estudos, na perspectiva de gênero, sendo um com universitários e outro com universitárias, na orientação da mestranda Jamila Souza Gonçalves do PPGENF da UNIFAL-MG.
- A Profa. Dra. Zélia Marlida Rodrigues Resck desenvolverá uma proposta de intervenção para a promoção de hábitos saudáveis de vida e de prevenção contra o abuso de álcool e/ou outras drogas no ambiente acadêmico com base no Modelo de Habilidades de Vida, proposto pela Organização Mundial de Saúde - OMS.

Quanto número de participantes, nos estudos de abordagem qualitativa, esse estará condicionado à saturação dos dados. Já no estudo quantitativo a amostra será probabilística, estratificada por tamanhos desiguais, pois os cursos apresentam número de alunos matriculados diferenciados, totalizando 1.437, considerando um erro amostral de 2%.

Os instrumentos para as coletas de dados são apresentados de forma adequada no contexto de cada eixo de investigação.

Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700
 Bairro: centro CEP: 37.130-000
 UF: MG Município: ALFENAS
 Telefone: (35)3200-1318 Fax: (35)3200-1318 E-mail: comite.etica@unifal-mg.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALFENAS



Continuação do Parecer: 022.626

* Este Projeto constitui parte integrante do Projeto Casadinho que atendeu a chamada do Edital MCTI/CNPq/MEC/Capes - Ação Transversal nº 06/2011 Casadinho/ Programa Nacional de Cooperação Acadêmica - Procad.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- TCLE: adequados.
- Folha de rosto: adequada.
- Ofício para a Pró-Reitora de Graduação: Ok.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de inadequações:

Sem pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O colegiado do CEP acata o parecer do relator.

ALFENAS, 07 de Outubro de 2014

Assinado por:
Cristiane da Silva Marclano Grasselli
(Coordenador)

Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700
Bairro: centro CEP: 37.130-000
UF: MG Município: ALFENAS
Telefone: (35)3200-1318 Fax: (35)3200-1318 E-mail: comite.etica@unifal-mg.edu.br